



E. 41

T. 1

N.º 21



OPUSCULO

DE

ALGUNA

DE

DE OLIVEIRA

DE

SEGUNDA PARTE

DE

DE

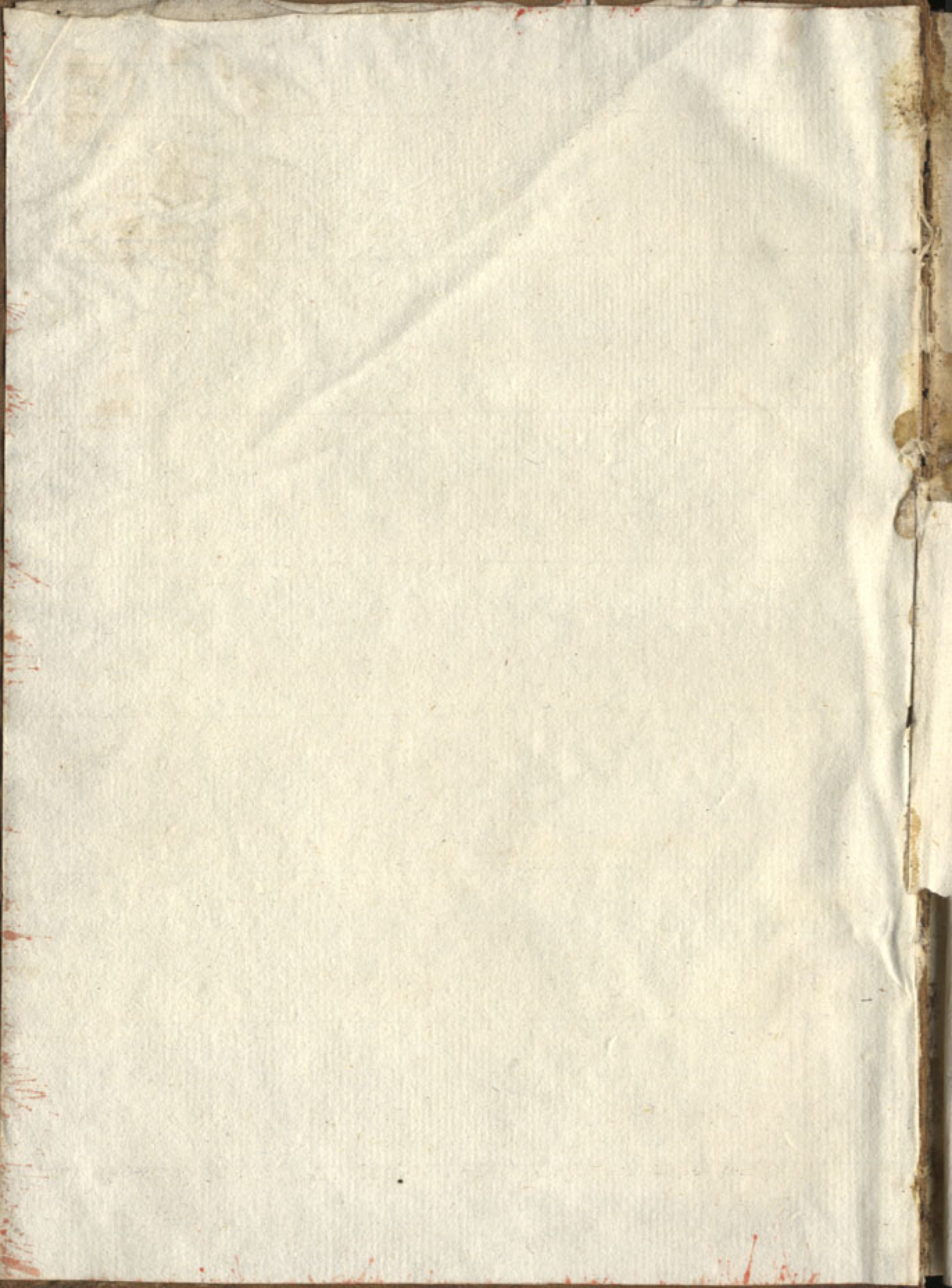
DE

DE

DE

DE







# SERMOES

DO

PADRE DOUTOR  
FR. I O S E P H  
DE OLIVEYRA

RELIGIOSO DOS EREMITAS DE SANTO  
Agostinho, Lente da Sagrada Theologia na Univer-  
sidade de Coimbra, & jubilado na sua Religião,  
& Qualificador do Santo Officio.

PRIMEIRA PARTE



---

EM COIMBRA *Com as licenças necessarias*  
Na Officina de JOSEPH FERREYRA  
Impressor da Universidade Anno 1688.



SERMOES

DO

PADRE DOUTOR

F R I O S E P H

DE OLIVEIRA

RELIGIOSO DOS ERMITAS DE SANTO  
Agosto de Loure da Santa Theologia da Univer-  
sidade de Coimbra, & Jurado de sua Religiao,  
& Guardador do Santo Officio.

PRIMEIRA PARTE



EM COIMBRA Com a Licença de seu  
No Officio de J O S E P H F R I O  
Inspector da Universidade Anno 1688.





*Censura do Illustrissimo Senhor Dom Fr. Clemente Vieyra Bispo  
de Angra.*

**O** Bedecendo a este mandado de V.P. muito Reverenda, li os quinze Sermoens, com que neste primeiro tomo quer sahir a luz o M. R. P. M. Fr. Ioseph de Oliveyra Lente da Universidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio: & me parecerão tão dignos de se imprimirem, que negarelhe a licença, seria querer privar aos Prêgadores do exemplar mais perfeito, ao mûdo da melhor politica, & maior doutrina: & a nòs dos grandes creditos q̄ nos assegura a noticia do Autor; porq̄ em tudo estão obra tão propriamente sua, que compondo nelle hũ espelho de perfeiçõs pera todos, fez juntamente hum compendio das suas prerogativas. Nelles quem os ler com attenção, o verà qualificador, pela conformidade com a Fè, & bõs costumes; pois nem a fè se acha offendida, mas desaggravada, nem os bons costumes se encontrão, mas se persuadê: filho da Aguia de Agostinho, pelo sublime do estilo, subido dos discursos, & sutil dos pensamentos: Ioseph, pelos augmentos da sabedoria, & excessivo da clareza, & eloquencia: Oliveyra, pelo copioso das flores, & abundante dos frutos: finalmente Mestre da Universidade, por universal em tudo; porque tudo se acha nesta sua obra, com tão singular engenho, & boa disposição, que se pòde dizer delle com propriedade: *Aquila in nubibus*: & deve ser numerado entre aquelles insignes, & prodigiosos Varoens, de quem disse Cicero: *Sunt autem quidam ita in rebus habiles, ita natura muneribus ornati, ut non nati, sed ab aliquo Deo facti videantur.* Este he meu parecer. Coimbra no Collegio de Nossa Senhora da Graça aos 10. de Março de 1687.

*Fr. Clemente Vieyra.*

*Licença*

*Lib. 1. de  
Orat.*



*Licença da Ordem.*

**O** Prezétado Fr. Pedro de Noronha Reytor Provincial da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho nosso P. nestes Reynos de Portugal, pela presente damos licença ao M. R. P. M. & Doutor Fr. Ioseph de Oliveyra Qualificador do S. Officio, & Lente da Vniversidade de Coimbra (havendo as mais licenças necessarias) pera imprimir hum tomo de Sermoês; por quanto sendo examinado por commissão nossa, pello M. R. P. M. & Doutor Fr. Clemente Vieyra Qualificador do S. Officio, & Lente da Univerfidade o approvou, & nos informou q̄ se podia, & devia imprimir. Dada neste Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa aos 15. de Março de 1687.

*O Presentado Fr. Pedro de Noronha Reytor Provincial.*

*Censura do M. R. P. M. Doutor Fr. Luis da Purificação Lente da Vniversidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio.*

**P** Or ordem dos Illustrissimos Senhores Inquisidores vi este livro de Sermoens do M. R. P. M. Fr. Ioseph de Oliveyra Religioso dos Eremitas de S. Agostinho, Doutor & Lente na Sagrada Theologia da Univerfidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio. Estes sermoês são quinze no numero, milhares na admiração; porq̄ não offendendo a Fee, nem bons costumes, contê todos, & cada hum delles, alem da muita erudição, & utilissima doutrina, hũa notavel subtileza em discursar, elegancia no dizer, vehemencia no persuadir; com o que, se a sabedoria, & palavra de Deos tambem se compara à rosa, ou pela suavidade de sua fragrancia com q̄ nos agrada, ou pelos espinhos de nossas culpas com que nos fere, nas rosas, ou rosarios predicativos este insigne prègador parece poem os extremos; que impressos cuidão serãõ para a virtude incentivos, para a predica exemplares, para a discrição delicias, para tudo utilidade. Este he o meu parecer. Coimbra, Collegio de S. Hieronymo 23. de Mayo de 1687.

*Quasi  
plantatio  
rosæ in  
Iericho  
Ecclesiasti-  
stici 24.*

*Fr. Luis da Purificação.*

*Censura*



*Censura do M. R. P. M. Doutor Fr. Francisco Ribeyro Lente  
da Universidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio.*

**P**Or mandado dos Illustrissimos Senhores Inquisidores vi este livro de Sermoões do M. R. P. M. Fr. Ioseph de Oliveyra Religioso dos Eremitas de S. Agostinho, Lente da Sagrada Theologia da Universidade de Coimbra, Iubilado na sua Religião, & Qualificador do S. Officio: & sendo sómente a primeira parte, me parece desempenha em todo o grande conceito q̄ se tem de seu Autor, cujo applauso no pulpito tão conhecido, he muito justo se eternize nas memorias desta estampa, para q̄ igualmente sejam ditos os futuros, & os presentes. Como filho de tão illustre Familia bem mostra imitar ao Flamante Sol de tão eclarecido Pay, Aguia, & princepe dos engenhos, Fenix de Africa para mayor luz da Igreja: como Sol no estilo tão luminoso, como Aguia na agudeza dos conceitos, como Fenix na singularidade dos discursos; & assim como o imita nos remontes do juizo, bem podemos esperar o imitará tambem no innumeravel de seus escritos. E se Plinio o moço julgou ser mui feliz quem obra cousas dignas de serẽ escritas, & quem escreve coulas dignas de serẽ lidas: *Felices quibus contigit, aut facere scribenda, aut scribere legenda*, sem duvida parece q̄ o Autor ha de conseguir de mui feliz o renome; pois os Sermoões tão dignos de serem escritos os escreve de modo, que merecem ser perpetuamente lidos: Tem tanto de elegante o seu estilo, na elocução tão fertil de doutrina tão solida como authorizada, & tão aguda como solida, q̄ não pôde deixar de não dar muito resplendor aos prẽgadores com q̄ se pôde dizer pelo Autor o q̄ Deos mandou dizer por Ieremias: *Olivam uberem, pulchram fructiferam, speciosam vocavit Dominus nomen tuũ* cap. 11. E por este livro o q̄ Salviano disse na Epistola ad Eustochium: *Legi librum, quem transmisisti mihi stilo brevẽ, doctrina uberem, sectione expeditũ, instructione perfectum, menti tuæ, ac pietati parem*. E se não entendera q̄ fazia offensa à modestia de quem o compoz fora este meu testemunho panegyrico de seus merecimentos, & não censura de sua doutrina. Materia tão sagrada bem se vê q̄ leva consigo todos os abonos, & aõde tudo são acertos pera a salvação, claro está q̄ não haõ de haver erros para a censura. Este he o meu sentir, & sentirei não se dar logo à estampa com a brevidade possivel. Coimbra Collegio do Carmo 2. de Junho de 1687.

*Fr. Francisco Ribeyro.*



**V**istas as informações pode-se imprimir o tomo de Sermoens, de que esta petição faz menção, que são do P. Doutor Fr. Joseph de Oliveyra da Ordem de S. Agostinho, & depois de impressos tornarão pera se conferir, & dar licença que corraõ, & sem ella não correrá Lisboa 6. de Junho de 1687.

*Ieronymo Soares. Bento de Beja de Noronha.  
Pedro de Attayde de Castro. Fr. Vicente de S. Thomaz.*

*Do Ordinario.*

**V**istas as licenças do S. Officio pode-se imprimir. Coimbra 14. de Junho de 687.

*I. Bispo Conde.*

*Censura do M. R. P. M. & Doutor Fr. Balthazar do Basto.*

**M**andou-me V. Magestade ver os quinze Sermoens que contem este livro, compostos, & prègados pello M. R. P. M. Fr. Joseph de Oliveyra Cathedratico da Vniversidade de Coimbra da Sagrada Ordem do Grande P. S. Augostinho. Em todos elles não achei cousa contra nossa Santa Fee & Religião Catholica, nem contra o serviço de V. Magestade, & credito do Reyno: antes com seu douto, & subtilissimo engenho, & claro discurso serve o Autor de grande honra não só à sua Sagrada Familia, mas tambem à nação Portugueza. E ferá de grande proveito para os Prègadores modernos aprenderem o natural, & genuino dos invetos, a nativa singularidade da repartição, & a ajustada clareza dos discursos, porque em tudo ensina, & deleita. Por onde julgo que he muy digna esta obra de que V. Magestade se sirva de darlhe licença para que se ponha em estampa. Lisboa no Convento da Santissima Trindade em 22. de Julho de 687.

*O M. Fr. Balthazar do Basto.*



**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impressos tornarão a esta Meza pera se conferirem, & taxarem, & sem isso não correrão. Lisboa 24. de Julho de 687.

*Roxas. Lamprea. Azevedo. Ribeyro.*

**E**stà conforme com o seu original. Coimbra Collegio do Carmo 9. de Junho de 1688.

*Fr. Francisco Ribeyro.*

**V**isto estar conforme com o seu original pòde correr. Lisboa 6. de Julho de 1688.

*Ieronymo Soares.*

*Ioão da Costa Pimenta.*

*Bento de Beja de Noronha.*

*Peãro de Attayde de Castro.*

*Fr. Vicente de S. Thomaz.*

*Estevão de Britto Foyos.*

*Ioão de Azevedo.*

**T**axão este Livro em hum cruzado. Lisboa 9. de Julho de 1688.

*Mello P. Lamprea. Marchão. Azevedo. Ribeyro.*



SERMOENS  
QUE SE CONTEM NESTA  
Primeira parte.

- I. Sermão da Quarta Feyra de Cinza. fol. 1.  
II. Sermão das Lagrimas da Magdalena. fol. 29.  
III. Sermão das Lagrimas da Magdalena. fol. 55.  
IV. Sermão da Sexta sexta feyra de Quaresma. fol. 84.  
V. Sermão do Mandato. fol. 111.  
VI. Sermão do Desaggravo de Christo Sacramentado. fol. 138.  
VII. Sermão do Glorioso Apostolo, & Evangelista São Ioão. fol. 162.  
VIII. Sermão do Glorioso Apostolo, & Evangelista S. Ioão Ante Portam Latinam. fol. 187.  
IX. Sermão da Degolação de S. Ioão Bautista. fol. 214.  
X. Sermão do primeiro dia de Janeiro. fol. 242.  
XI. Sermão do Capitulo Provincial. fol. 266.  
XII. Sermão do Patriarcha Santo Agostinho. fol. 290.  
XIII. Sermão do Santissimo Sacramento. fol. 330.  
XIV. Sermão de Nossa Senhora de Nazareth em acção de graças. fol. 355.  
XV. Sermão ao recolher da Procissão de Passos. fol. 377.





# SERMÃO

DA  
QUARTA FEYRA DE CINZA

PREGADO

NA SEE DE COIMBRA.

— — — — —

*Memento homo quia pulvis es, & in pulverem reverteris.*

Ex Ecclesia.

1



Lembrança, q̃ a Igreja Catholica faz neste dia ao homem, do q̃ he, & ha de ser, pondolhe a cinza sobre a cabeça, com mais razão compete aos Pastores, como disse Jeremias: *Vlulate pastores, & clamate, aspergite vos cinere:* pera que saibam que ainda que superiores aos mais na

dignidade, não deixaõ de ser iguaes aos mais na miseria. Oh mysterioso segredo da Divina Providencia, que assim avinculou em o homem ao ser mais perfeito o ser mais caduco! Fazendo centro da mayor fragilidade a creatura, quem na terra fez deposito das mayores perfeicoens.

2 Sua fragilidade tem os astros, todos os dias morre o Sol, & muytas vezes se eccli-

A

plã:



psa: mas se morre, torna logo a renascer: se se ecclipsa, torna outra vez a luzir. Sua fragilidade tem as plantas; pois perdem no rigor do inverno o seu ornato: mas là lhe ficam nas raizes as esperanças de recuperarem na primavera a sua verdura. Sua fragilidade tem as pedras; pois padecem suas mudanças: mas tem hum ser tão permanente, que durão por muytos seculos. Sua fragilidade tê os brutos: mas ordinariamente só padecem a enfermidade, de que morrem.

3 Porèm he muyto mais fragil o homem: se como os brutos tem hũa morte, tem mais enfermidades q̃ os brutos: se como as pedras tem mudanças, não permanece como as pedras: se como as plantas se despoja, não renova como as plantas: se como o Sol morre, não renasce todos os dias como o Sol. E não està tanto a desgraça do homẽ na sua miseria, como na sua ignorancia. O mayor mal do homem consiste em ignorar o seu ser. Nascem communmente da experiencia os delenganos: & não havêdo culpa tão experimentada como a

morte, não hà hũ delengano à vista de tão repetida experiencia; sendo que se faõ muytos os relogios, que nos apontão as horas da vida, faõ muytos mais os que nos mostraõ a infallibilidade da morte. Pera que pois desperte-mos deste esquecimento, nos encomenda hoje a Igreja a lembrança do que somos, & do que havemos de ser: *Memento homo quia pulvis es, & in pulverem revertaris*: a este fim nos poem tambem a cinza sobre a cabeça.

4 E com grande razão neste dia, em que principia o jejum: *Cum jejunatis*: porq̃ a lembrança da cinza, & o jejum nascêraõ em o mesmo dia, como advertio São Ioão Chrysofomo, naquelle dia, em que Deos criou ao homẽ; porque nelle lhe poz o preceito de abstinencia prohibindolhe huns manjares, & permittindolhe outros: *Ex omni ligno paradisi comede: de ligno autem scientiæ boni, & mali ne comedas*. E neste mesmo dia lhe trouxe o ser cinza à memoria: *Pulvis es, & in pulverem revertaris*.

5 *Memento homo, &c.*  
Con-



Contem estas palayras hũa proposiçãõ hypothetica, a q̃ os Filolofos chamãõ causal. Naõ diz a Igreja: lembrete homem que es pò: *Memento homo quod pulvis es*: mas lebrate; porque es pò, uzando da particula *quia*, que como he causal, faz causal a proposiçãõ: como se differa a Igreja: oh homem es pò, & cinza, & em cinza, & pò te has de resolver: *Pulvis es, & in pulverem reverteris*: & esta tua fragilidade, esta tua vileza seja o motivo, & causa da tua lembrança: *Memento quia*. Esta proposiçãõ causal he equivalente a hum Enthimema. O antecedente he a nossa mortalidade, o que somos, & o q̃ havemos de ser: *Pulvis es, & c.* a consequencia he a lembrança: *Memento*: a particula *quia* tem força de illaçãõ. Somos mortaes: por tanto nos lembremos do que somos. Neste antecedente, & nesta consequencia nos dividio o mesmo thema o assumpto do Sermaõ. Mostrarey a verdade do antecedente, & despois a importancia da consequencia. Permitta Deos que com esta especie de argumentaçãõ fique convencida a nossa con-

tumacia, & desterrada a nossa cegueira. Pera tudo he necessario o favor da Divina graça.

*Ave Maria.*

6 **P** *Pulvis es, & c.* Eis aqui o antecedente. Este antecedente he a diffiniçãõ do homem. Cuidava eu que a diffiniçãõ essencial do homem, em quanto composto fisico, era constar de corpo, & alma: & em quanto composto metafisico, era ser animal racional. Mas agora acho que a diffiniçãõ essencial do homem, em quanto corporeo, he ser, & haver de ser pò, & cinza, he ser mortal: *Pulvis es, & in pulverem reverteris*. O homem he o diffinido, o pò he a diffiniçãõ: a mortalidade he o predicado, o homem he o sogetto; taõ sogetto he o homem à mortalidade. Assim se diffinio a sy Abraham: *Cũ sim pulvis, & cinis*: o meu ser he pò, & cinza. Homem, & pò convertemse: o mesmo he homem que pò, & o mesmo he pò que homem.

7 Ponderemos dous lugares, hum do Ecclesiastes, outro dos Numeros. O do Ecclesiastes diz assim: *Rever*



4  
*revertatur pulvis in terram suam unde erat, & spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum.*  
 Torne o pò pera a terra, dô-de sahio, & alma pera Deos, que a criou. Oh se assim se verificàra a segunda parte como a primeira! Se assim como he certo haver de hir o corpo pera a terra, fora infallivel hir a alma pera o Cèu! Mas reparo, que o Sabio falando da morte do homem, não disse: torne o homem, mas torne o pò: *Revertatur pulvis.* O mesmo veyo a dizer; porque tanto monta homem como pò, já he pò o homem antes de hir pera a terra.

8 O lugar dos numeros diz assim: *Quis dinumerare possit pulverem Iacob, aut nosse numerum stirpis Israel?* Quem poderà reduzir a numero o pò de Iacob, & conhecer a multidão da gente de Israel? Dizia o Profeta Balaão lançando os olhos ao innumeravel exercito do povo Israelitico. De maneira que o Sabio explicou o homem pelo ser de pò: *Revertatur pulvis:* & o Profeta explicou o ser de pò pelo ser

de homem: pera declarar quem era o pò de Iacob: *Pulverem Iacob:* disse que era a gente de Israel: *Nosse numerum stirpis Israel.* Homem, & pò convertemse: quem quizer diffinir a essencia do homem, ha de dizer que he pò: & quem quizer declarar a natureza do pò, ha de dizer que he homem. Por isto eu dizia, que neste antecedente: *Pulvis es, &c.* se continha a diffinição essencial do homem. Poderemos descobrir a luz desta verdade no nosso thema? Sim.

9 *Memento homo:* lembrete homem. Se o intento da Igreja he mostrar a todos os homens o que sam: porque não diz universalmente que se lembre todo o homẽ? *Omnis homo:* Mas que se lembre o homem, uzando de hũa proposição, a que os Filozofos chamão indiffinita? *Memento homo.* Com grande mysterio. A proposição indiffinita val o mesmo que a universal, quando o predicado, que nella se afirma, he da essencia do foyto. Assim o ensina a Filozofia. E que fez a Igreja?



ja? Pera fallar com todos os homens, uzou desta proposição indiffinita: *Memento homo*: em lugar da universal; porque entendo, que o predicado, que nella se affirma de ser, & haver de ser pò, he da essencia do homem, & que esta he a sua diffinição essencial

10 Porém, vejo que me poem hũa replica. A diffinição essencial não ha de competir a outrem, que não seja o diffinido: & esta diffinição compete a todas as creaturas corporeas corruptiveis, todas são caducas, & mortaes, todas se hão de converter em pò, & cinza: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas*: logo esta diffinição não compete só ao homem, nem he boa diffinição. Respondo que com muyta differença compete ao homem o ser pò do que às mais creaturas, assim em quanto ao termo *ad quem*: *In pulverem reverteris*: como em quanto ao termo *à quo*, ou *materia ex qua*: *Pulvis es*: Em quanto ao termo *ad quem*: *In pulverem rever-*

*teris*: porque ainda que as mais creaturas corruptiveis se convertão em pò, & cinza, o homem se ha de resolver em menos que cinza, & que pò.

11 Mostraõ assim a razão fundada no thema. Nenhũa cousa se converte em o mesmo que he; porque a conversão diz mudança de hum ser pera outro ser: *Transitus unius rei in aliam*: o homem actualmente he pò: *Pulvis es*: logo não se pòde converter no mesmo pò, que he: nem tambem em mais que pò; porque isso fora melhorar o corpo na morte em quanto ao ser: ha logo de converterse em menos que pò, em hum ar, em hum vapor, em hum nada, ou quasi nada.

12 Confirmemos esta razão com outra. Todas as cousas acabam como principio, conforme aquelle Axioma: *Per quascunque causas res nascitur, per easdem dissolvitur*: & como principiou o homem? Ouçamos a Agostinho meu Padre: *Priusquam esses homo,*



*homo, terra eras, & pri-  
usquam terra, nihil eras.*

O homem antes de ser ho-  
mem, foy terra: antes de ser  
terra, foy nada: principiou  
o homem pelo nada, de na-  
da passou a ser terra, de ter-  
ra a ser homem. Pois do  
mesmo modo ha de acu-  
bar: de homem se ha de  
tornar em pò, & terra: *In  
pulverem reverteris:* de pò,  
& terra em nada, ou quasi  
nada: *Nihil eras.* Assim o  
deu a entender David: *Ad  
nihilum devenient tanquam  
aqua decurrens.* E esta tam-  
bem he a razão porque a vi-  
da do homem se compara ao  
circulo; porque no seu fim  
torna ao seu principio.

13 Sonhou Nabuco cõ  
aquella sumptuosa Estatua  
composta de varios metaes,  
cujá pompa arruinou hũa pe-  
dra, que cahio do monte: *Lapis percussit statuam,  
&c.* & o mesmo impulso  
da pedra desfez igualmente  
assim o ouro, & prata fina,  
o bronze, & ferro forte,  
como o barro fraco: *Con-  
trita sunt pariter, &c.* Não  
te desvaneça, oh ouro, a tua  
fineza, & o teu valor; pois no

palido estás mostrando a cor-  
da morte. Não te ensoberbe-  
ça, oh prata, o teu esplendor;  
porque ainda q̃ lustrosa não  
te izentas de ser quebrada.  
Não te engane, oh bronze, &  
ferro, a tua fortaleza; pois  
basta o golpe de hũa pedra pe-  
ra occasionar tua ruina. Vede  
que igualmente sois caducos  
como o barro dos pès.

14 No que reparo he,  
dizer o Texto que desfeitos  
os metaes da Estatua desap-  
parecêraõ de sorte, que se  
lhe não vio, nem achou lugar:  
*Nullus locus inventus est  
eis.* Pergunto. Que foy fei-  
to das cinzas, em que se re-  
solveo a Estatua? *Redacta  
quasi infavillam.* Se a Es-  
tatua occupava tão grande  
espaço quando inteira: *Sta-  
tua unagrandis:* como não  
occupão algum lugar as  
cinzas quando destruida?  
Direy. Nas partes daquella  
Estatua, em hum sentido,  
se representavaõ varios Im-  
perios: em outro sentido as  
partes de hum corpo mys-  
tico, ou de hũa Monar-  
chia. No ouro da cabeça,  
o Rey: *Tu es caput aure-  
um:* no peito, os grandes:

nos



nos dous braços, o Ecclesiastico, & secular: no bronze, & ferro, os fortes: no barro dos pés, os fracos, & pequenos. O encontro da pedra não he outra coula mais que o golpe da morte, ou o toque da campa.

15 E tanto que as partes daquella Estatua ficaraõ debaixo daquella pedra, resolverão se em nada. O que não existe, nem tem ser, não occupa algum lugar: & como havião de occupar lugar algum aquellas ruinas, senão existiaõ, nem tinham ser? *Nullus locus inventus est eis.* E bem se vê que não occuparaõ algum lugar as ruinas da Estatua; pois, como diz o Texto, a pedra encheo todo o espaço, & redondeza da terra: *Implevit universam terram.* Não se resolveo aquella Estatua em pó, ou cinza, mas em menos que cinza, & que pó: *Redacta quasi in favillam.* A particula *quasi* he diminutiva, & quer dizer que se resolveo em quasi pó, & cinza, ou menos que cinza, & pó. Pois em que se resolveo? Em hũ ar, ou vapor? Não; porque ainda este occupa algum lu-

gar: em nada, se resolveo.

16 Faço agora este argumento. Se todas as partes de hum corpo mystico, se os Imperios, & Monarchias representadas na Estatua se resolvem em menos que pó, se despois da morte não occupão lugar: que será qualquer homem? Confirmemos este dizer com hũa experiencia verdadeira. Vemos que se enterrão em as sepulturas successivamẽte milhares, & milhares de corpos, & que nelas não cresce a terra: antes sempre as sepulturas se achão com a meisma capacidade para receberem mais, & mais corpos. Se os corpos mortos desde que principiou o mundo se resolverão em terra, ainda que fora em pouca quantidade, aonde havia de caber esta terra? Nem nas sepulturas, nem nas Igrejas, nem em grande parte do mundo: final claro que se reduzem a hum vapor, ou nada, & que não occupão lugar. Pouco importa que o não occupem na terra os corpos, o ponto está em que o tenhaõ no Cèo as almas.



17 Bem declarou esta verdade Job nesta pergunta: *Homo cum mortuus fuerit, & nudatus, atque consumptus, ubi quæso est?* Hū homem morto, & sepultado aonde está? Que lugar occupa? E insinuou tacitamente a resposta: *Nullibi:* em nenhum lugar está; porque não tem ser. São os corpos, que vão pera a sepultura, como os rios, que entrão no mâr: *Quasi aque dilabimur:* os rios entrão no mâr, & o mâr não avulta mais: *Et mare non redundat:* os corpos entrão na sepultura, & a terra nam cresce.

18 E que sendo isto assim, seja tal a vaidade dos homens, que se empreguem em lavrar custosos marmores, & porfidos, & fabricar soberbos sepulchros, pera encerrarem em sy hum ar, hum vapor, hum nada! Oh engano, & cegueira do mundo! Direis que são artificios pera perpetuar as vossas memorias. E que são essas memorias? Job o disse, são hūa pouca de cinza: *Memoria vestra comparabitur cineri.* Assim como às cinzas qualquer

vento as espalha, assim as memorias qualquer tempo as apaga.

19 Oh a quantos cega a ambição destas memorias! Occupase o Poderoso em fabricar grandiosos edificios, entalha nelles as armas, & braçoens da sua ascendencia, só a fim de eternizar suas memorias. Oh que essas memorias são cinzas! *Comparabitur cineri.* Desvelase o Ambicioso em adquirir grandes cabedaes, tal vez por meynos illicitos, pera fazer grande caça, & instituir grande morgado (sem dar hūa esmola na vida, nem deixar hūa missa por morte) tudo a fim de perpetuar suas memorias. Oh q̄ estas memorias são cinzas! *Comparabitur cineri.* Esmerale o Capitão, & o soldado em obrar na guerra proezas, só a fim de se immortalizar nos annaes da fama. Oh que essas memorias são cinzas! *Comparabitur cineri.*

20 Melhor fora q̄ o Capitão, ou soldado obrara proezas tendo por motivo a defensão do seu Rey, ou da Patria: o Ambicioso dispende as riquezas em obras pias: o Poderoso em lugar dos edi-



ficios materiaes, fizera obras de edificação espiritual: o desvanecido lavrara os marmores dos sepulchros pera desenganos: mas pera memorias, que são cinza, & menos que cinza; pois só della tem a semelhança! *Comparabitur cineri*: Grande cegueira! Que serão as memorias do homẽ depois da morte, se depois da morte se resolve em hum ar, em hum vapor, ou em nada? Donde venho a concluir que se as mais creaturas corporeas se resolvem em cinza, & pò: & o homem se ha de tornar em menos que pò, & que cinza, aquella diffinição em quanto ao termo *ad quem*: *In pulverem reverteris*: compete só ao homem, & não às mais creaturas.

21 Compete tambem só ao homem em quanto à primeira parte, ou materia *ex qua*: *Pulvis es*: porque as outras creaturas corporeas, & corruptiveis haõse de converter em pò, & terra, mas não são actualmente terra, nem pò, nem de terra tiveram muytas a sua origem: como se vê nos astros, nas aves, nos pei-

xes, & nas perolas, &c. Porém o homem actualmente tem o ser de terra, & de pò: *Pulvis es*: & da terra foy o seu principio: *Priusquam esses homo, terra eras*. As mais creaturas hão de ser pò, & terra por resolução: o homem já he pò, & terra por essencia actual. Tal he a fragilidade do homem que quando existe, he o que as mais creaturas haõ de ser, quando acabaõ.

22 Donde infiro que se as mais creaturas são mortaes, o homem, ainda quando existe, não só he mortal, mas he já morto. Assim o o deve de entender a Igreja; pois já lhe entoa o *Mememento*. Assim o julgou Aristoteles que diffinindo ao homem, lhe chamou despojo da morte: *Spolium mortis*. *Omnes morimur, & quasi aqua dilabimur*: dizia a Thecutes a David: todos morremos. Que todos hajão de pagar tributo à morte, não o duvido: porém melhor me parece dissera a Thecutes que todos haviamos de morrer: *Omnes moriemur*: & não que todos já morremos de presente; porque



que aquelles, que actualmente vivem, ainda não morrem.

23 Quiz sem duvida declarar quam fragil era a condição de todos os homens: & que não só nesta vida erão mortaes, mas já mortos, & por isso não disse que havião de morrer de futuro, mas que já morrião de presente: *Omnes morimur.* Não só morrem os que acabão de todo, mas também os que actualmente vivem: ha morrer na morte, & ha morrer na vida.

24 Por mandado de Deos foy Isayas intimar a Ezechias a triste nova da morte nesta fórma: *Dispone domui tuae; quia morieris tu, & non vives:* dispoem as cousas de tua casa; porque brevemente has de acabar a vida. Oh te os eccos desta voz soarão repetidas vezes em nossos ouvidos, como viveriamos acutelados! Prepara, oh homem, a tua consciencia; porque podés morrer em qualquer instante: *Morieris.* Mas he digno de reparo dizer o Profeta a Ezechias que morreria, & nam vi-

viria: *Morieris tu, & non vives.* Estas ultimas palavras: *Non vives:* parecem superfluas. Quem morre, claro está que não vive: como a morte he privação da vida, superfluo era dizerlhe que não teria vida, quando lhe annunciava a certeza da morte: *Morieris.*

25 Oh que aquellas palavras: *Non vives:* não forão superfluas, foraõ mysteriosas; porque também se pòde morrer na vida. Como o homem pòde morrer não só acabando, mas vivendo, foy advertencia necessaria dizer o Profeta a Ezechias que morreria, & não viviria: *Morieris, & non vives.* Na vida era já Ezechias morto; porque era homem, & porque era Rey: & pera fazer distincção o Profeta entre hũa, & outra morte, & lhe declarar o modo, com que havia de morrer, lhe disse que não só morreria como até então vivendo, mas também acabando.

26 Todos os homens tem a morte na vida, & só os justos tem a vida na morte:



re: a morte do justo he vida, a vida do homem he morte. Assim o mostra a experiencia. A vida do Rey não he húa morte? A vida do Pastor, a vida do Valido, a vida do Religioso, a vida do Mestre, a vida do Rico, a vida do Pobre, a vida do Avarento, a vida do Envejofo, a vida do Lascivo? Sim. O Rey morre com as muytas, & grandes penfoens do governo: o Pastor com os cuidados do feu rebanho: o Valido com o temor de perder a graça, & desvelo de evitar a queda: o Religioso; porq̃ sempre vive mortificado, o feu habito he a sua mortalha: não só morre na vida, mas pera a vida, morre no mundo, & pera o mundo: o Mestre morre com o incançavel trabalho dos estudos: o Rico com o temor de perder, o que possuiue: o Pobre com as faltas, & miserias, que padece: o Avarento cõ a anfia de adquirir quanto ha no mundo: o Envejofo cõ o pezar do bem alheo: o Lascivo cõ o cõtino defasocego

27 Tudo nesta vida se arma contra o homẽ. Os males o affligẽ, os bẽs o mudãõ,

os manjares o corrompem, os deleites o enfraquecem, os pensamentos o combatem, as esperanças o atormentãõ, os calores o abraçãõ, os frios o inhabilitãõ, as riquezas o desvelãõ, a pobreza o arrasta, a velhice o entorpece, a mocidade o precipita. Isto não he ter a morte na vida? Sim. Elegantemẽte o disse S. Gregorio fallãdo desta vida mortal: *potius dicẽda mors quã vita*

28 Reconheceo a fabulosa Antiguidade a tres Parcas por Deos mortaes, fingindo q̃ ordiãõ a tea de nossa vida, húa fiando, outra tecendo, & cortãdo outra. E o mesmo he fiar esta, & tecer aquella a tea, q̃ affiar a outra a tisoura: & corta esta mais facilmete pela olanda fina, q̃ pelo burel grosseiro. Quem se fiarã de húa vida, q̃ estã por hũ fio exposta ao corte de húa tisoura! Porém te das Parcas húa só he a q̃ corta, & das duas, húa fia, em q̃ se symbolifa a geraçãõ, & a outra tece, aonde se represẽta a conservaçãõ da vida: porq̃ se não ha de chamar mortal húa só Parca, mas todas tres? Digo q̃ tão mortaes sãõ as duas, que fiando, & tecendo concorrem pera a vida, como a que



correndo concorre pera a morte; porque tambem he morte a nossa vida por duas razoes.

29 Seja a primeira. Esta existencia, a que chamamos vida, não he vida. Porque o viver diz successão: a nossa vida não tem successão: logo não he vida. Não tem successão; porque como disse Democrito, he hum ponto indivisivel, ou hū momento. Se o mundo a respeito do Cèo he como hum ponto: como não serà a nossa vida a respeito da Eternidade hum momento? *Tanquam momentum statera, sic est ante te orbis terrarum.* Mas adverti, senhores, que deste ponto pendem as linhas da Eternidade: se forẽ rectas encaminharão pera a circunferencia do Cèo: se curvas pera a profundidade do Inferno.

30 São Ioaõ Chrysostomo chamou à nossa vida circulo. O circulo no ponto, aonde principia, ahi acaba; tão unido anda no homem o acabar ao nascer: a penas se ve formado, quando desapparece a vida, & para o curso da roda. Querendo o Ecclesiastico declarar a fragilidade

do homem, uzou da metaphora dos vasos de barro, que fórma o artifice: & disse que nos formàra Deos com suas mãos à semelhança de hum oleiro, que compoem louças de barro: *Quasi lutū figuli in manu ipsius... sic homo in manu illius, qui se fecit.* E porque se compara Deo nesta formação ao oleiro, mais do que a qualquer outro artifice?

31 Com grande razão. Os vasos de barro, & lodo somos nós: *Lutea vasa portantes*: sem outra differença mais que, a que vay de ser barro amaçado com agoa, ou barro misturado com sangue. Fôrma o oleiro com o curso de hūa roda muyta variedade de vasos. Huns saem escolhidos, outros saem reprovados, como disse S. Paulo. *Aliud vas in honorem, aliud in contumeliam.* Hús são grãdes, outros são pequenos: & ser grande, ou ser pequeno he ter mais, ou menos barro. Huns são grossos, outros finos: & os finos quebraõ mais facilmente q̃ os grossos. Hús tem azas, outros não: & como as azas são postiças, por ellas quebraõ muytas vezes.

Huns



Huns tem mayor bojo, outros tem menor capacidade. Huns sam largos, & communicão o que recebem com liberalidade, outros são estreitos, & largam o que em sy tem com avareza. Huns são solidos, outros são rotos, por mais que recebem, nunca se enchem Huns são dobrados, outros singelos: mas todos barro fragil, & quebradiço.

32 Estas mesmas variedades, que vemos nas feituradas de barro, se acham no genio, & natureza dos homens: mas ou se são formados assim, ou assim, todos são barro vil. O que agora me serve he, que formandose os vasos de barro com o movimento circular de hũa roda, a penas está o vaso feito, quando o movimento da roda cessa. Os vasos de barro, como já disse, fomos nós: o curso da roda he o curso da nossa vida, como diz Berchorio. E está tão unido em o homem o seu ser ao seu não ser, o seu fim ao seu principio, que em o mesmo ponto, em que está formado, cessa o curso da vida: homem feito, roda parada.

33 Não tem a vida do ho-

mem duração perfeita; porq̃ he ponto: he tanto morte a nossa vida, que primeiro na nossa existencia se entende o acabar, que o viver. A morte nas Escrituras comparase ao sono: *Dormiuit cū patribus suis*: & a vida ao sonho, como affirma Seneca: & assim como he primeiro o sono q̃ o sonho, o dormir q̃ o sonhar: assim he primeiro na nossa existencia o acabar q̃ o viver. Bem claramente o Disse David fallado da vida do homẽ. *Manè sicut herba transeat, manè floreat*. Muyto cedo acaba, & florece: primeiro fallou no transito q̃ na existencia, no acabar q̃ no florecer: logo he mais morte q̃ vida.

34 Oh fragil vida! Flor, q̃ assim te murchas! Vento, que assim voas! Sombra q̃ assim foges! *Fugit velut umbra*. E que nos enfeitice esta sombra tão enganosa! Que nos namore esta flor tão caduca! Que nos arrebate este vento tão ligeiro! Que nos faça dar tantas voltas este circulo tão vicioso! Que nos leve as atencõens este ponto tão abbreviado! Hũa vida, q̃ não só he mortal, mas he morte! Grande cegueira!



35 A segunda razão he: Porque a vida, a respeito do homem morto, he cousa já passada: assim considero eu, a respeito do homem existente, os dias, que actualmente vive, & ha de viver, computaõse por dias já passadõs. Vejaõ este pensamento bem fundado no thema: *Memento homo*. Diz a Igreja que nos lembremos do que somos, & havemos de ser. A lembrança não he do prezente, nem do futuro, mas do passado: como pois diz a Igreja que nos lembremos do que somos, & havemos de ser? Havianos de excitar ao conhecimento, & não à lembrança.

36 Com grande mysterio. Porque o que somos de prezente, & havemos de ser tem tão pouca entidade, como se já fora passado, como se já tivera sido. O passado já não he: & pera mostrar a Igreja o pouco, ou nada, que he o que vivemos de prezente, & havemos de viver de futuro, diz que nos lembremos do futuro, & do prezente, como de couza já passada: *Memento*. As vozes de Josuè parou o Sol em quanto durou a

batalha: & diz o Texto que nem antes, nem despois tivera o mundo igual dia: *Non fuit antea, nec postea tam longa dies*.

37 Não reparo na grandeza do dia: só me faz dũvida a fraze do Texto. Que o Texto affirme q̃ antes não houve em o mundo dia como aquella: *Non fuit antea*: bẽ estã: mas dizer que despois o não houve? Os dias, que haviãõ de ser despois, ainda não tinhãõ sido: como logo falla o Texto tambem destes dias de preterito? *Non fuit postea*. Melhor dissera o Texto, que nem dãtes houve dia igual, nem o haveria despois: *Non fuit antea, nec erit postea*: mas fallar dos dias, que haviãõ de ser de futuro pelo tempo preterito: *Non fuit*: parece incoherencia.

38 Poderãõ dizer que Josuè author deste livro fez menção só dos dias, que desde aquella celebre dia corrẽrãõ atẽ o tempo, em que elle compoz esta historia. Porém o Texto, conforme muytos Expositores, não sãõ faz comparação com estes dias, mas com todos os mais. E nelle fe



Apud  
lap.

A se fundão muytos Escri-  
turas, pera dizerem que este  
dia de Josuè, em que o Sol  
parou, foy mayor que o dia  
de Ezechias, em que o Sol  
retrocedeo: & este segundo  
prodigio succedeo muytos  
annos, & seculos despois da  
morte de Josuè: logo o Tex-  
to não só faz aqui compara-  
ção com os dias, em que vi-  
veo Josuè, mas com todos os  
dias, que despois correraõ, &  
vão correndo: como pois fal-  
la pelo preterito daquelles  
dias, que havião de ser de fu-  
turo? *Non fuit antea, nec  
postea tam longa dies.* Direy  
o que me parece: 39

39 He verdade que os dias,  
que se seguirão despois da-  
quelle grande dia, na reali-  
dade ainda havião de ser de  
futuro, & em algum tempo  
forão presentes: porèm em  
quanto dias, ou mensura da  
vida do homem, reputavãose  
por passados. O passado já  
não he; & pera mostrar o  
Texto o pouco, ou nada, que  
eraõ os dias da vida, fallou  
dos presentes, & futuros co-  
mo de cousa já passada, como  
de cousa, que já não era: *Non  
fuit antea, nec postea.* Assim  
como ninguem vive os dias,

que já viveo, assim não vive  
os dias, em que actualmente  
existe: como a nossa vida he  
húa morte, como somos mor-  
tos na vida, comparãose os  
dias da presente vida, a res-  
peito do homem, como dias  
já passados: *Non fuit antea,  
nec postea tam longa dies.*  
Eis aqui o que somos! 40

40 Isto vem a ser as horas,  
os dias, os mezes, os annos,  
os seculos! Oh se esta confi-  
deração nos passara muytas  
vezes pella lembrança! Mas  
se algũa hora nos chega, logo  
nos passa. Oh se cada hum  
de nós se considerara morto  
pera o mundo: como vivera  
mortificado só pera Deos!  
Considere cada hũ o que he,  
& achara que não só he mor-  
tal, mas he já morto: *Memen-  
to homo quia pulvis es.* Don-  
de venho a concluir: se as ma-  
is creaturas só são mortaes, &  
o homem não só he mortal,  
mas já morto: se as mais crea-  
turas só haõ de ser pò de fu-  
turo, & o homem he já pò de  
presente: *Pulvis es:* que esta  
diffinição em quanto à ma-  
teria *ex qua,* ou à primeira  
parte compete só ao homem,  
& não às mais creaturas.

41 Restaya agora mostrar,  
fe



se assim como esta diffinição compete só ao homem, compete também a todo o homem, & distribuir esta proposição universal: *Homo pulvis es, &c.* por todos os particulares. Mas como esta digressão pede muyto tempo, fallarey só dos mayores, & destes se fará argumento pera os pequenos. Saibão os Reys, os Princepes, & os grandes, que são, & haõ de ser pó, & cinza: *Pulvis es, &c.* & que a sua mortalidade compete com a sua grandeza. Quanto na arvore mayor he o pomo, tanto mais pera a terra se inclina: quanto na vida mayor o estado, tanto mais pera a morte se chega.

42 Quereis ver, oh Monarchas, & Princepes, como fois mais mortaes que os outros? Olhay bem pera aquella Estatua, attentai bem pera aquella pedra. Tocou a pedra só nos pés da Estatua: *Percussit statuam in pedibus:* & este golpe bastou pera arruinar também a cabeça. Pera a pedra destruir os pés, em que se representavão os pequenos, foy necessario ferilos: *Percussit:* pera pot-

trar a cabeça, em que se symbolizava o Rey, bastou afombrala: pera a ruina dos pés, que erão mais fracos, foy necessario imprimirselhe o golpe de perto. *Percussit* pera o estrago da cabeça, que era mais forte, bastou o golpe de longe. E quem distinguiria naquellas ruinas a cinza dos pés, da cinza da cabeça: a cinza do Rey, da cinza do vassalo?

43 Na morte não ha differença de Rey a vassalo, de grande a pequeno. São as dignidades papeis de comedia, que só durão em quanto dura a representação da vida. Fallou o Profeta Isaias da morte dos Reys, & disse assim: *Omnes Reges gentium universi dormierunt in gloria, vir in domo sua.* Morrerão os Reys, descansou o homem na sua caza, que he o mesmo q̄ na sepultura. Desenganemse os Reys que não he a sua caza o palácio, a sua caza he o sepulchro.

44 Mas reparo em que primeiro lhe chama Reys: *Reges:* & logo só homens. *Vir:* Se estes homens são os mesmos Reys: porque primeiro lhe dà o titulo de Reys, & def-



despois só de homens? Porque nas primeiras palavras fallou do que foraõ na vida até a hora da morte: nas outras do que erãõ na sepultura: & se até a morte são Reys cõ differença dos outros homẽs, despois da morte são homẽs como qualquer dos outros: *Vir in domo sua*: antes da morte excedem aos mais na grandeza: despois da morte igualam aos mais na miseria.

45 Pouco disse. Despois da morte ainda são menos que os outros homens. Não reparão na palavra: *Vir*: em o singular? Morrẽrãõ os Reys, & sepultouse o homem. Parece que havia de dizer o Texto: sepultarãõse os homens; pois forãõ muytos os Reys, que Morrẽrãõ: *Reges*. Oh não; porque muytos Reys despois da morte avultãõ tão pouco como hum só homem. Ainda não disse tudo. Todos os Reys: *Omnes Reges*: despois da morte fazem o vulto de hum homem só: *Vir in domo sua*: compete a sua fragilidade com a sua grandeza, medese a sua mortalidade pela sua mayoria.

46 E se os homens, como já disse, nesta vida não só são mortaes, mas já mortos: os Reys ainda ficão de peyor condiçãõ; porque não só são nesta vida mortos, mas sepultados. Falla o Profeta Isaias da ruina de Baltasar, & diz que fora arrojado do seu sepulchro em o Inferno: *Projectus es de sepulchro tuo.. ad infernum detraheris*: cuidava eu que a primeira jornada dos Reys mortos, era do mundo pera o sepulchro, mas do sepulchro pera o inferno! Não està aqui o meu reparo, senãõ, q̃ conforme os Escriturarios o corpo de Baltasar não foy sepultado. Pois se Baltasar não teve sepultura: como diz o Profeta que foy lançado fóra da sepultura, que não teve?

47 Entendo que quiz dizer o Profeta que Baltasar fora despojado do trono, & exterminado do palacio, quando foy morto por Cyro: & ao trono, ou palacio chamou sepulchro; pera q̃ se entendesse a differença, que havia entre os Reys, & os outros homens: q̃ se os outros



saõ nesta vida mortos, os Reys não só saõ mortos, mas sepultados: o seu trono he o seu sepulchro: a purpura he a mortalha: *Projectus es de sepulchro tuo.* Os outros hão de ter a sepultura por caza: *Vir in domo sua:* elles já tem a caza por sepultura. Por esta razão quando antigamente se coroavão os Emperadores, lhes traziam quatro pedaços de varios marmores, pera que vissem de qual daquelles se lhe havia de fabricar o sepulchro: em o mesmo tempo, em que se lhe punha a coroa, se lhe preparava a sepultura. Isto he o que fois, oh Monarchas!

48 Tambem saõ mais mortaes que os outros homens os Princepes Ecclesiasticos, os Pontifices, & Prelados da Igreja: saõ mais pó, & cinza: *Pulvis es.* E se querem ver a sua mortalidade, oução hum engenho: fo pensamêto de Agostinho, em resposta a hũa duvida, que elle mesmo propoz no capitulo vinte & hum do Levitico. Mandava Deos que todos os dias de manhã, & de tarde se puzesse incenso

dentro do Santuario: & que só o Summo Sacerdote exercitasse este ministerio. Entra a duvidar meu grande Padre. E quando o Summo Sacerdote estava impedido por enfermidade, como se satisfazia a este preceito? Porque o Summo Sacerdote era hum só, & aos mais era prohibido entrar dentro do Santuario.

49 Responde Agostinho. Que nunca os Summos Sacerdotes faltavão a esta cerimonia; porque não costumavão adoecer, nem morrer de enfermidade como os mais, senão de repente: & pela morte do Summo Sacerdote, logo succedia outro: *Possumus dicere non solere Summus Sacerdotes, nisi subito mori, & non precedente egritudine.* Notavel resposta! Os Summos Sacerdotes, os Princepes Ecclesiasticos do povo morrião de repente! Os Summos Sacerdotes da Ley antiga erão figura dos Pontifices, & Prelados da Ley nova. Vejào pois quanto saõ mais mortaes, que os mais homens. Pera os mais acabarem ha de preceder, regularmente fallando, a gra-

Alap.

gra.



gravidade do achaque, & a violencia do mal: & pera os Prelados morrerem, basta a excellencia do estado, o sublime da dignidade: a sua mayor altura he a sua mayor doença.

50. Andem pois sempre prevenidos pera os assaltos da morte; porque podem morrer em qualquer instante. Porèm hum grande remedio tem os Prelados da Ley da Graça, pera não temerem os repentinos da morte, de que não uzavão os Pontifices da Ley antiga: & vem a ser, que estes não descobrião as cabeças, pera se lhes pôr cinza: *Pontifex caput suum non discooperiet*. Porèm os Pontifices, & Prelados da Ley da Graça todos os annos poem a cinza sobre as suas cabeças. E quem faz da morte tão repetidas memorias, não tem que temer os seus assaltos. Isto he o que fois, oh Prelados, & Princepes Ecclesiasticos!

51. Vede tambem a vossa fragilidade, oh Poderosos, & bem afortunados. Que vem a ser as vossas prosperidades? São bens da fortuna fogeitos

à inconstancia da sua roda. Pinta'e a fortuna com azas; & com mãos: se tem mãos pera o favor, tem tambem azas pera a fugida. Pintou Apelles por emblema da fortuna de Alexandre hum rayo, que subitamente apparece, & desaparece. Oh como fois mais mortaes! Os que mais prosperamente navegão, com mais pressa chegão ao porto: aquelles que no mar deste mundo navegão mais vento em popa, aquem sopra mais o vento da fortuna, mais cedo chegão ao porto da morte. E estando os Poderosos, & bem afortunados mais vezinhos da morte, vivem ordinariamente do que são mais esquecidos.

52. Caminhavão os Israelitas pelo deserto em quadro, repartidos de tres em tres tribos. E notey eu q' pera a parte do Occidente ficavaõ Efraim, & Benjamin, & entre elles Manassés. E não sem mysterio. Efraim he o mesmo que *crefcens* homem, que cresce muyto. Benjamin interpreta'e; *Filius dexteræ*: he o mesmo que bem afortunado.



Manaffes significa esquecimento: *Hoc est oblitio*. E como em Efraim, & Benjamin se symbolifavão os que crescem, & são mais favorecidos da fortuna, vezinhavão mais com o Occaso, ou com a morte; por isso ficavão pera a parte do Occidente: & tambem com hum, & outro hia unido Manaffes, q̄ he o esquecimento; porque os mayores, & mais bem afortunados são os que da morte, & do que são vivem mais esquecidos. Como nestes era mayor a fortuna, era menor a lembrança; sendo q̄ na lembrança do que cada hũ he, consiste a melhor fortuna. Oh se bem advirtirão estes que os não hão de acompanhar na sepultura as honras, nem as riquezas, senão as boas obras: *Remanent in seculo, quaecunque seculi sunt, sola virtus est comes defunctorum*.

53 Vede tambem o que fois aquelles, que viveis entregues aos regalos, & deleites deste mundo. E que são os deleites? São hũa aspereza verdadeira com hũ gosto fingido: hũa multidão de pezares com apparencia

de prazeres: são roza com espinhos: são pò, ou porque qualquer vento os leva, ou porque com difficuldade se juntão. São os deleites como os rios, não só porque correm, mas porque ao nascer são doces, ao parar salgados. Por isso Aristoteles disse que haviamos de considerar os deleites não o que são, quando vem, mas o que são quando vão. Parecem hũa cousa, & são na realidade outra.

54 Despois que os Israelitas adorarão o Bezerro, levantarão se todos a fazer bailes, & danças: *Surrexerunt ludere*: & no mesmo tempo veyo a espada de Moylés sobre elles: tão unidos andão aos gostos os estragos. Ouvirão Moylés, & Josué as vozes, & alarido do povo: a Josué lhe pareceo estrondo de guerra: *Uulatus pugnae auditur in castris*: & a Moylés pareceo harmonia de musica: *Vocem cantantium ego audio*. Isto são os passatempos do mundo, parecem vozes com harmonia aos sentidos, & são estrondos de batalha pera as almas. São



os gostos muy transitorios, & o tormento, que lhes corresponde, he eterno: *Cuiò permanet, quod delectat, & permanet sine fine, quod cruciat.* Diz Agostinho meu Padre. E que se perca hũ bem eterno por hũ gosto momentaneo!

55 Que adoraes, oh Lascivos, cegamente em o mundo! Hũa apparente fermozura, que he mais fragil que o barro, mais delicada que o vidro, mais mudavel que o vento, hũ idolo de loucos, hũa flor do campo, que tem por orizonte o ponto de seu nascimento! Nisto idolatraes chamandolhe nelciamente Cèo, Sol, Lua, & Estrella! Sendo que de Cèo não tem mais que o ser movel: de Sol o ser mortal: de Lua o ser mudavel: & de Estrella o ser errante. Oh cego appetite! Oh deleite enganoso! Este fez que o valeroso Hercules rompesse os fios de seus troféos, torcendo afrontosamente os fios de hũa roca. Este foy o que privou a Samsam da vista dos olhos, & quebrou nos cabellos o azilo das forças.

56 Eis aqui o que sois,

oh deliciosos, & Lascivos! Eis aqui o que taõ os vossos gostos, & deleites! Agora faço argumento *de maiori ad minus.* Se isto saõ os Monarchas, os Princepes, os Prelados, os Poderosos & bem afortunados, os Deliciosos, & Lascivos: que serãõ os outros homens! Saõ os grandes espelho dos pequenos: vejãõ estes naquelles, como em espelho, a tua miseria, o que saõ, & hãõ de ser: *Pulvis es, & in pulverem reverteris.* E se a diffinição daquelle antecedente compete só ao homem, & a todo o homem: bem se segue que he boa diffinição.

57 Provado o antecedente, resta que tiremos a consequencia da lembrança: *Memento quia.* A nossa lembrança ha de ser a consequencia da nossa vileza. E tanto se segue hũa da outra, que ordenou a Igreja se nos puzesse todos os annos a cinza sobre a cabeça lugar da memoria, pera que continuamente trouxessemos na memoria que eramos cinza. Na cinza se nos poem por antecedente o que fomos, pera que por boa consequencia



cia nos lembremos: *Memento quia.*

58 Hũa das razoens entre muytas, porque nos importa a lembrança do que somos, & havemos de fer, se incluye nas palavras do mesmo thema: *Memento homo: lembrate homem.* Pedenos esta lembrança a Igreja em quanto homens, & racionaes, pera mostrar que só seremos racionaes, como homens, quando não faltarmos a esta lembrança. O esquecimento da mortalidade não he de homens racionaes, mas de brutos, que não tem uzo de razão.

59 Celebre foy aquelle erro, que Victoria, & outros *Tom. 1. pag. 496* Authores attribuem a Platão. Que as almas dos homês defuntos passavão despois a animar corpos de brutos, que nascião de novo: & com tal simpatia, & respeito aos corpos, que tinhão deixado, que as almas dos animosos passavão a ser almas de Leoens: as dos feroses à Tigres: as dos brandos à Cordeiros: as dos ladroens à aves de rapina, &c. Eu não quero agora convêcer a falsidade deste erro, só quero tirar delle algũa mo-

ralidade.

60 Tomara eu saber em q se fundou este Filosofo, pera dizer q as almas, que sahiaõ dos corpos humanos, não tornavaõ a informar outra vez corpos de homens, mas corpos de brutos? Porque haviaõ de passar de racionaes a irracionaes? Porque haviaõ de passar de Platóo, tanto q as almas se apartavaõ dos corpos, passavaõ pelo rio Lethes, que he rio do esquecimento: & ahi se esqueciaõ do que eraõ, & do que tinhaõ sido, nem se lembravaõ da morte dos corpos, que antecedentemente tinhaõ deixado. E como do antecedente da morte, & mortalidade não tiravão por consequencia a lembrança, mas o esquecimento, não podiaõ ser almas de homens, senão de brutos. Porque esquecerse cada hum do que he, & da sua mortalidade, he de brutos irracionaes, & não de homens, que tem uzo de razão.

61 Quantos passaõ por esse rio tornando se de homens brutos! O rio Lethes do esquecimento estava no caminho do Inferno: & muytos vaõ ao Inferno por este



este caminho. Oh quanto melhor he passar pelo rio claro do desengano, que pelo rio do esquecimento! Provemos com a Escritura o pensamento, que acima fica. Notavel castigo foy aquelle, que deu Deos a Nabuco transmutando de homem em fera: *Cor feræ detur ei*: & fazendo que passasse com os brutos em o campo aquelle, quem aderravaõ os homens em o trono: *Fænum ut bos comedit*. Viose tal methamorfoseos! Que motivo teve Deos pera dar a Nabuco hũ taõ exquisito genero de castigo?

62 Do capitulo segundo de Daniel consta. Sonhou Nabuco aquelle horrivel sonho da Estatua: & no mesmo ponto, em que sonhou, se esqueceo do sonho: *Vidit Nabuchodonosor somnium, & somnium ejus fugit ab eo*. Tanto que mandou chamar os seus sabios pera que lhe dissessem o que tinha sonhado. Que esta foy sempre a sem razaõ dos grandes, quererem que lhe adevinhem os pensamentos: não só o que querem, mas o que sonham. E que re-

presentava este sonho? Era hum enigma da sua mortalidade, & morte, & destruição de seu Imperio que todo havia de reduzir a cinzas o golpe daquella pedra.

63 E que mayor razaõ pera aquella mudança? Esquecerse Nabuco da sua mortalidade, da pouca subsistencia, que tinha a sua grandeza, de que se havia de resolver em po, & cinza: *Redacta in favillam*: isso o fez passar de racional a fera, que não tem uzo de razão: *Cor feræ detur ei*. Quando Deos o excitava por meyo daquelle sonho ao conhecimento da sua fragilidade, não ser a consequencia deste antecedente a lembrança, mas o esquecimento: *Somnium ejus fugit ab eo*: grande razaõ pera não computar como racional entre os homens, mas pera comer como irracional entre os brutos: *Fænum ut bos comedit*. O esquecimento do que era lhe fez perder o ser, que tinha: seja como bruto na vida, quem não soube como homẽ lembrarse da morte; porque esta lembrança he propria do homem: *Memento homo*.



64 A pura de tal maneira racional esta lembrança, que não só faz de brutos homens, mas de ignorantes sabios. *Vade ad formicam, & piger, & considera vias ejus, & disce sapientiam:* bradava Salamão. Se quereis alcançar os primores da sabedoria, oh ignorantes, consideray bem os caminhos das formigas. E que tem os caminhos das formigas, pera que nelles haja de ter o homem o exemplar de seus acertos, & o desterro de sua ignorancia? *Disce sapientiam.*

65 Muytos são os documentos, que podemos tirar destes caminhos. He tal a providencia das formigas, q̄ fazem celeiro no verão, pera o sustento do inverno. Nisto as devemos imitar, fazendo thesouro de boas obras no verão da vida pera o inverno da morte: no verão da mocidade, em que estão as potencias mais vigorosas, pera o inverno da velhice, em que se achão as forças mais debilitadas. Porém o que me serve he outro documento.

66 Vão as formigas com o sustento hũas por montes, outras por valles: hũas por

caminhos largos, outras por estreitos: & assim hũas, como outras vão parar a hũa cova, que lhes serve de domicilio. Eis aqui a consideração, a que nos persuade o Sabio, pera alcance da sabedoria, & desterro da ignorancia: *Disce sapientiam.* Considerem assim aquelles, que caminhão neste mundo pelos montes da grandeza, & da fortuna, como os que vão pelos valles da miseria: assim os que vão pelo caminho largo dos vicios, como os que vão pelo caminho estreito da mortificação, que todos haõ de hir parar a hũa cova, que todos haõ de hir morar à sepultura.

67 Se quereis, oh Monarchas, ser sabios, consideray estes caminhos das formigas: *Considera vias ejus:* & vereis que a vossa pompa ha de vir a parar em hũa cova. Se quereis, oh Validos, ser sabios, consideray estes caminhos: & vereis que a vossa privança vem a parar em hũa privação. Se quereis, oh Luzidos, ser sabios, consideray estes caminhos: & vereis que o vosso lustre vem a parar em hũa sombra. Se que-



quereis, oh Avarentos, ser sabios, consideray estes caminhos: & vereis que as vossas muytas riquezas vem a parar em hũas pobres mortalhas. Se quereis, oh Lascivos, ser sabios, consideray estes caminhos: & vereis que os vossos deleites vem a parar em tormentos. Se quereis, oh Narcisos, ser sabios, consideray estes caminhos: & vereis que a vossa galhardia se ha de tornar em hũa caveira. Na cõsideração destes caminhos se conseguem da melhor sabedoria os acertos: *Disce sapientiam*: não só tem esta cõsideração virtude pera fazer dos brutos homens, mas de ignorantes sabios: *Vade à piger.*

68 O esquecimento do que somos he a raiz de toda a nossa desgraça. Quem se não lembra do que he, como saberà, o que deve ser? Abramos os olhos pera ver a nossa miseria, que somos pò, & cinza: & logo os abriremos pera conhecer a luz da verdade. Quando Christo mandou a seus Discipulos prègar pelo mundo, entre outros conselhos, lhes advirtio, que se alguem os não recebesse, nem

admittisse sua doutrina, facudissem o pò dos pès: *Quicumque non receperit vos, nec audierit sermones vestros: excutite pulverem de pedibus vestris.* E desta advertencia uzaraõ São Paulo, & São Bernabe, quando os não admittiraõ os Judeus de Antiochia, lançaraõlhes o pò nos olhos: *Excusso pulvere pedum in eos, venerunt Iconium.*

69 E a que fim manda Christo aos Discipulos que facudão o pò dos pès? Como o homem he faco de pò, por mais que o facuda de sy sempre fica empoado. O intento de Christo era reduzir pelos Discipulos àquelles, que estavão cegos, pera conhecerem a luz da verdade. E pera este fim não havia remedio mais conveniente, que facudirem o pò dos pès: *Excutite pulverem de pedibus vestris*: pera que dandolhe o pò nos olhos: *In eos*: vissem o que erão, & que eraõ o mesmo pò, que viam: & desenganados assim, abrissem os olhos pera verem a luz da doutrina, que lhes prègavão.

70 Assim o declara o  
 Texto



Texto de São Marcos: *In testimonium illis*: pera testemunho da verdade. Cuidava eu que o pô nos olhos cegava, mas não he assim: o pô nos olhos da lembrança, & do conhecimento alumia; & por isso a Igreja nos encomenda hoje esta lembrança: *Memento homo*: pera deffero da nossa cegueira: pede ao racional esta lembrança; porque só quem tiver esta lembrança se mostrará racional: *Memento homo*.

71 Esta fies he a conclusão do sermão: esta he a consequencia, que se deve inferir daquelle antecedente: *Memento quia*. Toda a outra consequencia, que não for esta, será consequencia em Barbara, ou barbara consequencia. Permitta Deos que a reducção deste Enthymema, seja a conversão da nossa alma. Que pertendeis, oh fies? Immortalisarvos? Ponde a cinza sobre a cabeça, & entranhaya bem na memoria. A Fenix no fogo morre, mas nas cinzas se eterniza. No grego o mesmo he *Fenix* que *Palma*: & ferem as cinzas, que hoje se nos poem sobre as cabeças, das

palmas, he pera que se entenda, que por meyo desta lembrança, triunfaremos da morte, & renasceremos como a Fenix pera a eternidade.

72 Pera a conseguirmos, esteja sempre presente em nós esta lembrança, não reservemos o defengano pera a hora da morte; porque he tarde: não esperemos morrer bem, vivendo mal. Este foy o engano de Balaam: *Moriatur anima mea morte justorum, & fiant novissima mea horum similia*: seja a minha morte como a morte dos justos, & os meus fins semelhantes aos seus. Balaam ainda que profeta, era de má vida; porque era idolatra: & querer morrer como os justos, não vivendo ajustado: querer morrer bem, vivendo mal, grande delirio! Havia de dizer Balaam, como advertio hum grande Expositor: *Vivat anima mea vita justorum, ut moriatur morte justorum*. Quero ser semelhante aos justos na vida, pera ter como os justos a morte.

73 Assim como a eternidade depende da morte, assim



assim a morte depende da vida: *Aeternitas à morte pendet, hæc à vita bona, vel mala:* diz o mesmo Expositor. E que remedio pera viver bem? O melhor remedio he trazer sempre a morte na lembrança. Imagine cada hũ que em todo o lugar, & em toda a occasião o espera a morte, pera lhe fazer tiro: & espere tambem com a prevençãõ, & com a cautela, como disse São Bernardo: *Ubique mors te expectat: tu verò, si sapiens fueris, ubique eam expectabis.*

Apud A  
lap.

74 Considere cada hum que a morte o espera de nocte, & de dia, em toda a hora, & em todo o instante: q̃ o espera em caza, no caminho, na bonança, na adversidade, no jogo, no passatempo, na cama, na meza, na enfermidade, na faude, na mocidade, na velhice, na occasião peccaminosa, no exercicio da virtude: *Ubique mors te expectat.* E com esta cósideração andarà sempre prevenido pera os seus assaltos: *Ubique eam expectabis:* traga cada hum de nòs a morte na lembrança: *Me-*

*mento:* & logo naõ terà que temer a morte.

75 E vòs Senhor dayme licença pera que vos faça hũa petição: chego a fallarvos com confiança; porque como Abrahão conheço que sou pò, & cinza: *Loquar ad Dominum meum, cum sim pulvis, & cinis.* Já que por boca da Igreja nos encomendaes, por consequencia do que somos, hũa lembrança: *Memento homo:* eu vos quero pedir com Job outra lembrança: *Memento quæso, quod sicut lutum feceris me, & in pulverem reduces me:* Lembrayvos que nos fizestes de lodo, barro, ou terra, que somos pò. Se a nossa malicia nos condena, tambem a nossa fragilidade nos desculpa. Lembrayvos que somos de lodo, & naõ he muyto que tanto nos enlodemos nos vicios: *Memento.* Lembrayvos que somos de barro fraco: & não he muyto que o barro se renda, & quebre: *Memento.* Lembrayvos que somos pò, & nam he muyto, que o pò com o vento da vaidade se levante, & se esvacça: *Memento.* Lembrayvos que



que fomos de terra: & não  
 he muyto, que o nosso co-  
 ração a ella se incline: *Me-  
 memento.* Fazey, meu Deos,  
 que o conhecimento do que  
 fomos, em nos sirva pera

emmenda de nossas vidas: &  
 em vós pera o perdão de nos-  
 sas culpas, com o que se al-  
 cança a Divina graça penhor  
 da Gloria.







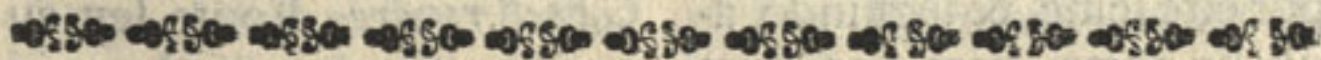
# S E R M ã O

D A S

## LAGRIMAS DA MAGDALENA

P R E G A D O

NA SANTA CASA DA MISERICORDIA  
da Cidade de Coimbra.



*Lachrymis cepit rigare pedes ejus. Lucæ c. 7.*

76



Prodigiosa cõ  
verfaõ da ma-  
is exẽplar pe-  
nitente, as en-  
ternecidas la-  
grimas de hũa  
alma mais amante, saõ toda a  
materia deste Sermão, todo  
o assumpto deste dia: & quã-  
do formo juizo do dia, me pa-  
rece hũ dia do juizo. Parece  
dia do juizo; porque he dia  
de conhecimento: *Vt cogno-  
vit*: parece dia do juizo; porq̃  
he dia em que se elcurecem  
luzes: parece dia do juizo;

porque he dia, em que  
se acaba o mundo com dilu-  
vios: mas com hũa differen-  
ça, que se no dia do juizo se  
ha de destruir o mundo com  
diluvios de fogo, & não  
de agoa, hoje vemos aca-  
barse pera a penitente Mag-  
dalena o mundo com diluvi-  
os de agoa, & juntamente de  
fogo: os de agoa mostrão  
bem as correntes dos seus o-  
lhos: *Cepit rigare*: os de fo-  
go testemunhão os incendi-  
os de seu peito: *Dilexit mul-  
tũm.*

77 là



77 Já se acabou pera a Magdalena aquelle tempo, em que o mundo com lisongeiros enganos lhe prendia os affectos, & com mentirofas promessas lhe arrastava os cuidados; pois abrindo os olhos ao conhecimento, abraçou o desengano: *Vt cognovit*. E se d'antes por causa do temporal naufragava em humar de culpas: *Mulier in civitate peccatrix*, perdido o norte da virtude, quebrado o leme da razão, já agora, mudada de popa a proa, guiada por este leme, & seguindo aquelle norte, vem por humar de lagrimas aportar aos pés de Christo, aonde lhe fervem seus cabellos de amarras. Em pé se poem a Magdalena detraz das costas de Christo: *Stans retrò*: em pé, pera que assim fossem choradas, culpas tanto d'assento cometidas: por se detraz das costas de Christo, ou foy industria de penitente, ou confusão de peccadora: ou foy industria de penitente; por não querer occupar com as vistas os olhos que trazia dedicados pera as lagrimas: ou foy confusão de peccadora; por recetar apparecer diante dos o-

lhos, ou vistas de Christo, quem tanto o tinha offendido com as vistas dos seus olhos. E se tanto teme a vista de Deos húa Magdalena arrepedida, quanto mais deve temer hũ peccador obstinado!

78 Posta assim a Magdalena aos pés de Christo, exhalando a alma em suspiros, estragando o coração com soluços, rebentando toda em amarguras, se virão seus olhos dous olhos d'agoa, ou duas fontes de lagrimas tão copiosas que crescerão a rios: *Cepit rigare*. Fonte sey eu que te converteo em luz, rio que te converteo em sol: *Parvus fons crevit in fluvium, & in lucem solemque conversus est*: mas trocados se vem hoje os termos desta cõversaõ; pois vemos duas luzes convertidas em duas fontes, deus soes centros de tantos rayos, feitos caudalozos rios, com que se regaõ as plantas de Christo soberana flor: *Ego flos campi*: & se as flores se regão pera a graça, & as plantas se regão pera os frutos, tudo fez a Magdalena com suas lagrimas: regou a Christo como flor pera conseguir a graça, regoulhe as plã-



tas pera colher por fructo o perdão de suas culpas: & ficarão taõ viçosas estas plantas regadas com aquellas lagrimas, q̄ sendo plantas de hũa só flor, brevemente vierão a ser pès de dous cravos. Desta forte chorãõ os olhos da Magdalena os defatinos de seus mundanos empregos, & levãõ tanto a Christo os olhos estas lagrimas, que pera se ver, ou rever nellas como em espelhos chistalinos, houve de dar volta: *Conversus ad mulierem.*

79 Oh se nestes chistalinos espelhos se vissem bem os que tam empenhados andãõ na satisfação de seus gostos! Oh se nestas luzes de seus olhos fouberaõ os mais cegos aprender os defengãos! Oh se nestes rios de lagrimas apagaraõ os lascivos os incendios de seus ardêtes affectos! Não só condenou a Magdalena os olhos à satisfação das vistas, mas tambem os cabellos ao despique dos cuidados. As lagrimas que derramavaõ os olhos alimpava com os cabellos: *Capillis capitis sui tergebat:* final claro de que os trazia soltos: & assim he; q̄ se nos cabellos se representaõ

os cuidados, soltos andavaõ os cuidados da Magdalena, & taõ livres como seus cabellos: mas fazendo já delles laços pera os pès de Christo, recompensa com a prizão dos cabellos a soltura dos cuidados. Muyto deve a Magdalena aos seus olhos, mas não deve menos a seus cabellos; pois se as ondas dos olhos serviraõ de correntes pera regar os pès de Christo, tambem das ondas dos cabellos fez correntes pera os prender.

80 Recolhiaõ os cabellos as lagrimas que derramavaõ os olhos; porque erãõ rios caudalosos, & estes tornaõ pera o mesmo principio dõde nascem: *Ad locum unde exeunt revertuntur:* assim aquelles rios de lagrimas fãhiaõ da Magdalena pera os pès de Christo, & tornavãõ dos pès de Christo pera a Magdalena: & como derramadas desciãõ aos pès, & recolhidas sobiãõ à cabeça, passavãõ de hum extremo a outro extremo; que procedendo de hum amor excessivo, haviãõ de ser lagrimas extremosas. Mas oh que se descendo eram lagrimas, su-



subindo erão perolas: descião lagrimas; porque corrião dos olhos da Magdalena: subião perolas; porque tinhão tocado os pès de Christo, & dignificadas com este contacto, ficavão perolas sem preço.

81 Desta sorte fazia a Magdalena não só sacrificio de seus olhos, mas tambem de seus cabellos: oh se estes cabellos nos servirão de exemplo pera compor nossos pensamentos; que hum exemplo em cabeça alhea cõduz muyto pera evitar os danos proprios. E he muyto pera notar dizer o sagrado Texto que erão cabellos de sua cabeça: *Capillis capitis sui*: E pode alguém uzar, ou pera o adorno, ou pera outro ministerio dos cabellos que não são seus? Ainda mal que nos tempos de hoje não só servem de laços pera as almas os cabellos proprios, mas de estimulos pera as culpas os cabellos alheyos: & sendo os cabellos os pensamentos, grande desgraça, que não só havemos de dar conta dos nossos pensamentos, mas dos pensamentos que não são nossos: & chegaremos a estado, que não haverá hum pensamen-

to por onde se nos pegue, nê hum Anjo, que como ao Profeta nos pegue por hum cabello.

82 Ao lavatorio das lagrimas, ao ministerio dos cabellos juntou a Magdalena a unção de muy preciosos unguentos, & o obsequio de mil amorosos osculos: *Osculabatur pedes ejus, & unguento ungebat*: & finalmente veyo a confeguir húa plenaria absolvição de toda a culpa, & remissão de toda a pena: *Remittuntur ei peccata multa*: & assim aquella que dantes era cõmum tropeço da culpa, se vê já agora milagre prodigioso da graça.

### AVE MARIA.

*Lachrymis capit rigare pedes ejus.*

83 **P**onderando húa Droga  
Douto estas la- Hostias  
grimas de hoje,

lhe descobrio quatro prerogativas no prezente Evangelho, que as fazem mais dignas, & avantejadas a todas as outras q chorou a Magdalena. Primeiramente merecêrão estas lagrimas o agrado,  
&



& aceitação de Christo; pois sendo as do sepulchro reprehêdidas: *Mulier quia ploras?* estas forão louvadas: *Aquam pedibus meis non dedisti, hæc autem lachrymis rigavit pedes meos:* forão credito, & desempenho de seu amor; porque do muyto que chorou infirio Christo que amara muyto: *Dilexit multum:* forão choradas em casa do Fariseo em satisfação de culpas: *Vt cegnovit quod accubisset in domo Pharisei, &c:* finalmente conseguirão com muy singular modo na remissão das culpas o seu principal effeito: *Remittuntur tibi peccata tua.* Estas são as quatro prerogativas que tiveram as lagrimas deste dia, pelas quaes julgou este Author que devião ser preferidas como mais dignas a quaesquer outras da Magdalena: *Quatuor his hodiernæ lachrymæ alijs præferri videntur.*

84. Eu sem fazer comparação entre hũas, & outras lagrimas da Magdalena; pois não he justo diminuir nestas pera louvar aquellas, me resolvi tomar por empreza neste sermão descobrir a estas lagrimas quatro titulos no the-

ma, que desempenhem aquellas quatro prerogativas, que se cõtem no Evangelho. Serã desempenho da primeira prerogativa, o titulo de lagrimas eloquentes: da segunda, o de lagrimas superabundantes: da terceira, o de lagrimas publicas: da quarta, o de lagrimas efficacissimas. E assim veremos como pera o agrado, & aceitação de Deos, forão lagrimas eloquentes: pera desempenho do amor, lagrimas superabundantes: pera cabal satisfação de culpas, lagrimas publicas: em o modo de conseguirem o seu effeito, lagrimas efficacissimas.

85. *Lachrymis.* Esta primeira palavra do thema nos abre caminho pera o primeiro discurso. A seus olhos cometeo a Magdalena a satisfação de suas culpas, & as demonstraçoens de sua dor. He reparo commum dos Expositores porque não pedio a Magdalena perdaõ de suas culpas, & porque não fez confissão dellas dearticulando vozes, mas só vertendo lagrimas? *Lachrymis.* Que a Magdalena chore bem está; pois justo he que paguem seus



olhos chorosos o que estragaráo lascivos, mas que não falle, parece encontrar os dictames da penitencia. Não ensinão os Theologos que na penitencia ha de concorrer não só o arrependimento do coração, mas tambem a confissão da boca? *Cordis contritio, oris confessio*: Pois se este foi hum acto muy heroico, q̄ a Magdalena fez de penitencia: como não a acompanha com a confissão da boca o arrependimento do coração? Rompa a Magdalena em vozes; pois rebenta seu coração em magoas: *Ex abundantia cordis os loquitur*.

86 Bem pudera eu responder a esta duvida, que era isto importante ao credito de seu amor; pois era amor excessivo: & nunca os excessos da affeição se derão bem a conhecer pelas dearticulaçoens da lingua: amor que se manifesta em linguas tem muyto pouco de fogo. He sentir de Cayetano que o Espirito Santo quando desceo à terra, viera só com apparencias, ou semelhanças de fogo: *Apparuerunt dispertit & lingua tanquam ignis*: & assim

parece que o innue aquella palavra: *Tanquam*, que diz semelhança. E se o Espirito Santo he por natureza amor: *Deus charitas est*: & tambẽ se intitula fogo: *Deus ignis est*: como vem só com semelhanças de fogo, sendo na realidade amor? E como ser húa cousa por semelhança he menos, & na realidade he mais, porq̄ razão sendo o Espirito Santo o mais, nos declara o texto o menos? *Tanquam ignis*. Direy: He verdade que o Espirito Santo he amor, & he fogo, mas quando desceo à terra transformouse em linguas: *Apparuerunt dispertit & lingua*: & como sendo amor se manifestou em linguas, pareceo ter pouco de fogo: teve só de fogo as apparencias: *Tanquam ignis*: porq̄ eraõ de linguas as realidades: *Dispertit & lingua*: como se ouvio o som, & estrondo das linguas: *Factus est repente de caelo sonus, & apparuerunt, &c.* logo se não divisarão bem os incendios. E como não se conciliem bem os excessos da affeição com as vozes da lingua, por isso a Magdalena suspenderia as vozes por não descreditar os

ex-



excessos.

Ambros.  
de poenit.  
6. 17.

87 Mas a razão que nos serve pera o nosso intento he outra. Não fez a Magdalena caso das vozes, & toda se dedicou às lagrimas; porque as suas lagrimas forão as suas vozes. Assim o diz S. Ambrosio: *Crimina sua lachrymis exposuisse videtur*: forão lagrimas eloquentes, em mudeceo a lingua; porque fallarão os olhos. E assim era conveniente à aceitação destas lagrimas; pois pera serem a Deos mais agradaveis, havião de ser eloquentes. Ha muyta differença entre as lagrimas eloquentes, & as lagrimas q̄ não são eloquentes: estas como se são só objecto dos olhos, só por meyo da vista grangeão a sua aceitação: aquellas como não só se comprehendão na esfera dos olhos por lagrimas, mas na dos ouvidos por vozes, tem dous caminhos pera conciliarem o agrado: dõde se segue q̄ sendo todas as lagrimas, que justificadamente se choram bem vistas dos olhos de Deos, as que são lagrimas, & juntamente vozes, são de Deos mais bem aceitas, que as que não sen-

do vozes, são sómente lagrimas.

88 Chorou El Rey Ezechias, & chorou tambem El-Rey David: hũas, & outras lagrimas aceitou Deos: mas com hũa differença, que acho no texto; pois diz q̄ vira Deos com seus olhos as lagrimas de Ezechias: *Vidi lachrymas tuas*: & das lagrimas de David, diz q̄ as puzera Deos nos seus mesmos olhos: *Posuisti lachrymas meas in conspectu tuo*: puzestes Senhor (dizia David) as minhas lagrimas em os vossos olhos. Vay muyto de trazer Deos as lagrimas em seus olhos, ou por os seus olhos nas lagrimas: por os olhos nas lagrimas he velas, trazer as lagrimas nos olhos he estimalas: por os olhos nas lagrimas he ter as lagrimas por objecto, trazer as lagrimas nos olhos he fazer das lagrimas prenda; pois commumente se diz q̄ trazemos nas mininas dos olhos a prenda que mais estimamos.

89 O que supposto, mayor estimacão parece que fez Deos das lagrimas de David q̄ das lagrimas de Ezechias: & porque causa? As lagri-



mas de Ezechias não erão lagrimas de hum homem justo? As de David não erão lagrimas de hum homẽ peccador? Sim: Pois hão de ser mais bem aceitas de Deos as lagrimas de hum peccador, que as lagrimas de hũ justo? Sim. E a razão he porque as lagrimas de Ezechias não forão lagrimas eloquentes; porque forão sómente lagrimas, & não vozes: do texto consta: *Audivi orationem tuam & vidi lachrymas tuas.* Diz que ouvira Deos a oração de Ezechias, & que vira as suas lagrimas: forão logo estas lagrimas sómente objecto da vista de Deos: alem de que como Ezechias proferio com a lingua vozes: *Audivi orationem tuam:* quando verteo lagrimas dos olhos, & houve ahi distinguir vozes de lagrimas, bé se segue que não forão as suas lagrimas vozes.

90 Porém as lagrimas de David forão lagrimas eloquentes; pois sendo lagrimas, forão juntamente vozes: *Auribus percipe lachrymas meas.* Percebei Senhor com os ouvidos (dizia David) minhas lagri-

mas: & sendo as vozes objecto dos ouvidos, bem se infere que as lagrimas que se percebem com os ouvidos são vozes. E como forão vozes as lagrimas de David, & não forão vozes as lagrimas de Ezechias, eis ahi a razão porque não forão tambem aceitas de Deos as lagrimas de Ezechias, como as lagrimas de David: as de Ezechias he verdade que forão termo de suas vistas: *Vidi lachrymas tuas:* as de David forão emprego das mininas de seus olhos: *Posuisti lachrymas meas in conspectu tuo:* as de Ezechias erão choradas por Ezechias, & ficavão nos seus olhos: as de David erão choradas por David, mas passavão aos olhos de Deos: & tanto vay de humas lagrimas a outras, quanto vay de estar nos olhos de hũ homem, a andar nos olhos de Deos.

91 E não só são as lagrimas eloquentes mais bem vistas dos olhos de Deos, mas tambem melhor ouvidas, não só são pera Deos de mais agrado, mas o movem mais pera o remedio. Vejamos isto em hum lugar commum com



com novidade. No desemparo de hũa solidão se virão Agar, & seu filho Ismael em o mayor aperto: estalava Ismael de se quieto, & morria Agar de compasiva: & pera acodir Deos à afflicção do filho, & remediar a angustia da mãy, manda hũ Anjo, o qual certifica a Agar que compadecido Deos de tanta lastima se movèra a lhe afsistir com o remedio. Porèm reparo eu em não dizer o Anjo que se movèra Deos das lagrimas de Agar, mas das lagrimas de Ismael. Assim o diz o texto: *Exaudivit Deus vocem pueri: & assim o explica o Alapide: Agar flevit, & puer Ismael: unde & flentem eum audivit Deus.* È q̄ razão teria Deos pera differir antes às lagrimas do filho do que às lagrimas da mãy? Julgàra eu que havia de ser ao contrario; pois as lagrimas de Agar parece forão mais finas por mais desinteressadas.

92 Mostro-o assim. Ismael com as suas lagrimas chorava a miseria propria: Agar com as suas lagrimas sentia a afflicção do filho: & mais desinteressadas são aquellas lagrimas, com que

se chorão os males alheios do que as com que se sentem os danos proprios: & se as de Agar foram mais desinteressadas, como forão as de Ismael mais bem ouvidas? Como differe Deos a estas, & nam àquellas? He a razão, porque as lagrimas de Agar nam forão vozes, & foram vozes as lagrimas de Ismael: nam forão vozes as lagrimas de Agar; porque diz o texto que levantara a voz, & que chorara: *Levavit vocem suam, & flevit:* & como se valeo dos clamores, ou das vozes, quando verteo lagrimas, claro està que não tiveram as suas lagrimas efficacia de vozes.

93 Porèm as lagrimas de Ismael enternecidas forão vozes muy sonoras: *Exaudivit Deus vocem pueri:* ouviu Deos a voz do menino, & foy o mesmo que dizer, ouviolhe as lagrimas; porque só essas lagrimas foram as suas vozes: *Unde, & flentem eum audivit Deus:* nem do texto consta q̄ preferisse Ismael outras vozes, cõsta das palavras referidas que



chorou lagrimas: *Agar fle-  
vit & puer Ismael*: logo fo-  
rão as suas lagrimas vozes: &  
como as lagrimas que são vo-  
zes tenham mais virtude pera  
mover a Deos, por isso cho-  
rando Ismael, & juntamente  
Agar, não diz o Anjo que se  
movêra Deos das lagrimas de  
Agar, mas das lagrimas de  
Ismael: *Exaudivit Deus  
vocem pueri*. E como se não  
bem aceites, & ouvidas de  
Deos as lagrimas que são vo-  
zes, por isso a Magdalena  
faz vozes das suas lagrimas,  
por isso em mudecendo a lin-  
goa fallão seus olhos: *Crimi-  
na sua lachrymis exposuisse  
videtur*: por isso a estes co-  
mette a satisfação de suas cul-  
pas: *Lachrymis cepit riga-  
re pedes eius*. E como não  
havião de fer a Deos muy a-  
gradaveis, lagrimas tão elo-  
quentes? Como não havião  
de fer de Deos bem aceites la-  
grimas tão rethoricas?

94 E supposto forão vo-  
zes estas lagrimas, escutemos  
hũ pouco o sentimento des-  
tas vozes. Eu sou a peccado-  
ra mais escandalosa (diria a  
Magdalena com suas lagri-  
mas) que vio o sol donde  
nasce, atè aonde morre o dia:

eu sou aquella, em quem ex-  
cedêraõ os defacertos da cul-  
pa aos instantes da vida:  
como complice em tantos de-  
litos venho buscar o sagra-  
do destas plantas: não me a-  
trevêra eu chegar a ellas ad-  
vertindo a gravidade de mi-  
nhas culpas, mas deume a-  
lentos à confiança conhecer a  
grandeza de vossa misericor-  
dia; pois sei muy bem que  
nesta fonte de piedade hei de  
achar muy liberaes as miseri-  
cordias, quando mais graves  
minhas culpas. Aqui chego  
arrependida, permittì vòs  
Senhor que daqui vâ condo-  
nada: se vos offendi com os  
olhos, & com o coração, a-  
qui vos sacrifico todo o cora-  
ção pelos olhos: & se este  
atègora foy de bronze pera  
vossas vozes, já agora està de  
cera pera estas lagrimas. Se  
estraguey os meus cuidados  
nestes cabellos, aqui vos offe-  
reço em cada cabello hũ cui-  
dado: & se algum tempo fo-  
rão perjudiciaes prizoens pe-  
ra as almas, agora são pera es-  
tes pès amorosos laços. A-  
ceitay o sacrificio deste meu  
coração; pois hum coração  
contrito he pera vòs o sacrifi-  
cio mais aceito: *Cor contri-*



*tum, & humiliatum, &c.* & nada falta pera este sacrificio, aqui se acha a victima, as prizoens, o cutelo, o fangue, o fogo, o altar. A victima he o coração que vos offereço: as prizoens são os cabellos, com que vos prendo: o cutelo, a grande dor com que me sinto: o fangue, estas lagrimas q̄ verto: o fogo, o muyto amor em que me abraço: o altar, estes pès a que me postro: postrada a elles constantemente protesto seguir sempre vossas pizadas. Sois caminho, sois vida, sois verdade, sois luz: como caminho dirigi meus passos: como vida infundime os alentos: como verdade desterray meus enganos: como luz desfazey minha cegueira. Estes serão os sentimentos daquellas lagrimas. Oh que lagrimas tão rethoricas, oh que eloquentes lagrimas! *Lachrymis, &c.*

95 Temos satisfeito à primeira prerogativa com o primeiro titulo, vimos como pera a aceitação de Deos foraõ as lagrimas da Magdalena eloquentes: seguele agora satisfazer à segunda prerogativa com o segundo titulo, mostrãdo como pera dessem-

penho do amor foraõ lagrimas superabundantes, isto nos dizem as palavras seguintes do thema: *Cepit rigare:* aonde le Tertuliano: *Cepit inundare.* E pera formar melhor o discurso se me offerece aqui hum reparo. Estas palavras: *Cepit rigare:* à vista tem hũa grande implicancia; porque se a Magdalena chorou tantas lagrimas que com ellas regou os pès de Christo, *rigare*, como diz o texto que começara a chorar? *Cepit:* & se só começou a chorar, como puderam regar os pès de Christo aquellas lagrimas? Como se podem concordar principios com diluvios?

96 Oh não implicam não estes termos; porque dizem ordem a diversos motivos. O *cepit*, explica o que bastava pera a obrigação da Magdalena em ordem à satisfação das culpas, assim o diz hum Expositor. *Lachrymis Sylveira cepit... ut denotetur quod incipiendò flere totum negotium reconciliationis obtinuit:* o *rigare* declara o que pedia o excesso de seu amor: *Dilexit multum.* He verdade que pera a obrigação da



Magdalena bastavaõ quaesquer lagrimas, mas pera de-tempenho do amor corrêraõ rios: pera o perdão das culpas bastavão os principios: *Capit*, mas o amor aspirou a diluvios: *Rigare, inundare*. Se concorrêra a obrigação sem o amor, choraria a Magdalena as lagrimas que só fossem sufficientes, mas como concorria hum grande amor com a obrigação, havião de ser as lagrimas superabundantes.

97 Duas pedras que eu já ponderei pera outro intento me hão de dar agora com nova ponderação prova ao conceito. Em duas pedras achãraõ os Israelitas no deserto agoa com que matar a sede, foi hũa a pedra de Horeb, & outra a pedra de Cades: & sendo estas duas pedras em acudir ao povo com agoa muy semelhantes, foraõ na quantidade bem differentes, foy mais liberal a pedra de Cades, do que a pedra de Horeb: a pedra de Horeb deu lómente agoa: *Exibit ex ea aqua*: porêm a de Cades deu agoa có abundancia, soltouse em rios: *Egressæ sunt aquæ largissimæ*: a de Horeb ajus-

touse com as petiçoens do povo: pediu o povo agoa: *Danobis aquam*, & isso mesmo deu a pedra: a de Cades excedeo as petiçoens do povo, & ao parecer, as promessas de Deos; pois pedindo o povo, & promettendo Deos huma fonte de agoa: *Aperi fontem aquæ vivæ: cumque eduxeris aquam de petra*: a pedra deu agoa por muytas fontes: *Egressæ sunt aquæ largissimæ*.

98 Encontradas temos estas pedras; que tambem as pedras se encontrão. Pergunto: não concorria Deos em hũa, & outra pedra có sua virtude? Sim: pois como não daõ o mesmo effeito em quanto à quantidade? Reforço mais a duvida, porq̃ a pedra de Horeb parece havia de dar mais agoa, & a de Cades menos; pois na pedra de Horeb assistia Deos com a virtude, & juntamente com a presença (visivel digo) *En ego stabo ibi coram te supra petram Horeb*: & na pedra de Cades não assistia Deos com a presença, mas só com a virtude: & se a assistencia de Deos ao parecer foy mayor na pedra de Horeb que na  
de



de Cades, como foy mais liberal a de Cades que a de Horeb, dando esta agoa com sufficiencia, & aquella com superabundanciã? He a razão. Em hũa, & outra pedra pera darem agoa ao povo concorria a obrigação pelo titulo de creaturas. Bem sabem os Filósofos que toda a creatura pela potencia obediencial está obrigada a se fogueitar, & obedecer a Deos: & como Deos determinava concorrer com estas pedras, como com instrumentos pera dar agoa ao povo, tinham ellas obrigação de dar agoa ao povo, & obedecer a Deos.

99 Porêm com huma differença, que na pedra de Horeb concorria só a obrigação; porque era sómente pedra: *Supra petram*: mas na de Cades concorria a obrigação, & juntamente o amor; porque nam era qualquer pedra, senão pederneira: *Percutiens virga bis silicem*: & he cousa sabida que a pederneira encerra em suas entranhas o fogo symbolo do amor. E como na pedra de Horeb se achou a obrigação sem o amor, por isso deu só aquella agoa,

que era sufficiente: *Exibit aqua*: porêm na de Cades, como concorria o amor com a obrigação, deu agoa superabundante: *Egressæ sunt aquæ largissimæ*: a de Horeb deu só hũa vea de agoa; porq̃ não tinha fogo nas veas: a de Cades como toda se abrazava em fogo, toda se destillou em agoa: a de Horeb ajustouse có as petições do povo, & có as promessas de Deos: a de Cades exccdeo, ao que parece, as promessas de Deos, & as petições do povo.

100 Ajustado vem o lugar pera o intento. Não he a pedra pela dureza retrato de hum peccador, & ferida com o golpe da vara figura de hũ peccador tocado com a dor da penitencia? *Virga pœnitentiæ cordis rigorem conterat*: Quem o duvida? Que outra cousa são as agoas mais que as lagrimas? E tanto que a Magdalena que d'antes era penha na dureza se vio ferida com a dor da penitencia, & abrazada com o fogo de seu amor: *Dilexit mulierem*: soltou toda a corrente a suas lagrimas, não medindo o curso dellas, pelo empenho da obrigação,



gação, mas pelo desempenho do amor; que se pera a obrigação bastavaõ lagrimas, pera desempenho do amor correraõ rios: se pera o perdaõ das culpas bastavam os principios: *Capit*, o amor só se satisfez com diluvios: *rigare*.

101 Oh lagrimas superabundantes! mas que muyto fossem superabundantes as lagrimas, se foy superabundante o amor. Muytos forraõ os peccados da Magdarena: *Peccata multa*, mas excedeo-os o amor: *Dilexit multum*, que no Hebreo monta tanto como: *Dilexit plus*. Peccou muyto, mas amou muyto mais, foy o non plus ultra do amor: & pera desempenho deste haviaõ de ser superabundantes as lagrimas, naõ só na copia, como tenho mostrado, mas tambẽ na duraçaõ, como mostrarey. Em todo o discurso de sua vida nam parou em a Magdarena o curso de suas lagrimas; q̃ hum amor de excessõ pedia lagrimas sem termo: *Capit rigare*: diz o texto que começou a chorar, mas naõ diz q̃ acabou, afsina principio às lagrimas, mas naõ lhe aponta

termo. Porẽm ò Santa penitente, se conseguistes já o perdaõ de vossas culpas, como naõ pondez fim a vossas lagrimas? Se com esses rios estaõ já extintas as manchas, como se naõ vem enxutos vossos olhos? Assim era importante pera desempenho, & satisfação de seu grande amor, por duas rezoens.

102 Seja a primeira porque ainda que estivessem purificadas as culpas, pedia o amor que continuassem as lagrimas pera sustento da alma. Duas razões tem as lagrimas, tem ser lavatorio de culpas; porq̃ saõ como baptismo dellas, & tem ser sustento da alma; porque saõ o seu sangue: & assim como o sangue he o alimento do corpo, assim as lagrimas saõ o sustento da alma. Hum corpo que he vivente, como querem os Philosophos, ha de ter sempre o alimento do sangue por causa do calor natural, que continuamente obra: huma alma que he amante sempre ha de ter por sustento as lagrimas em razaõ do fogo do amor, com que perennemente arde: & assim permitirã o amor que cessem as lagrimas em quanto saõ lavatorio



rio de maculas, mas não consente que parem em quanto pasto, & sustento da alma: as lagrimas em quanto baptismo, basta que se chorem no estado da culpa, & bem se podem interromper no estado da graça: porém as lagrimas em quanto sustento, perennemente hão de correr, assim no estado da graça, como no estado da culpa.

103 Dous textos de David nos provaõ o pensamêto. Diz em hum Psalmo que pera chorar lagrimas, só havia de e-leger o silencio das noites: *Lavabo per singulas noctes lectum meum.* Diz em outro Psalmo que não só chorara em o silencio das noites, mas pelo discurso dos dias. *Fuerunt mihi lachrymæ meæ panes die, ac nocte.* Nam ha duvida que em hum, & outro Psalmo fallava David das mesmas lagrimas. O que supposto, pergunto: como podião as mesmas lagrimas ser, & não ser continuas? Como diz David em hũa parte que as chorara perennemente não só pelo dia, mas tambem pela noite: *die, ac nocte:* se em outra parte só diz que choraria de noite sem fazer menção

do dia? *Lavabo per singulas noctes, &c.* Nos mesmos textos temos a razão. No primeiro fallava David das lagrimas em quanto lavatorio de culpas: *Lavabo:* & no segundo fallava das mesmas lagrimas em quanto sustento da alma: *fuerunt mihi lachrymæ meæ panes:* & entendo que se as lagrimas em quanto lavatorio de culpas se podião interromper, em quanto sustento da alma nunca deviã parar; & por isso em hum lugar se satisfazia com chorar só nas noites, & em outro tratou de chorar tambem nos dias.

104 Atèqui me vali do sentido literal, & tambem me serve o allegorico. Pela noite entende o Papa Innocencio a culpa, & pelo dia a graça: & quando David fallou das lagrimas como lavatorio, achou que bastava choralas na noite, ou estado da culpa: *per singulas noctes:* mas quando lhe chamou sustento, entendo que tambem as devia chorar em o dia, ou estado da graça: *Die, ac nocte:* & se as lagrimas em quanto sustento da alma devem ser perennes, por isso a Magdalena



Lorin. in  
Psalm. 6

dalena não pôe termo a suas lagrimas; porque nellas tinha o seu sustento: Assim o diz Lorino: *Magdalena reficiebat se suis lachrymis*: O continuo fogo em que se abraçava sua alma pedia fosse o alimento continuo: & assim ainda que já estivessem purificadas as culpas, pera satisfação, & desempenho do amor não haviam de cessar as lagrimas.

105 A segunda razão porque era importante ao amor da Magdalena que não cessassem as lagrimas he, porque ainda que estivessem extintas as suas culpas, não estava satisfeita a sede do seu amor; que como era muy intenso, ainda estava sequioso. Poderam os rios de agoa extinguir o ardor do fogo mais abraçado, mas não podem rios de lagrimas apagar a sede de hũ amor excelsivo. E deve ser a razão, que como as lagrimas são agoa muy ardente que distilla o fogo, tão fora estão de o apagar, que antes fervem de o acender. Sempre achei dificuldade em concordar a sede que Christo teve na Cruz: *Sitio*, como o lançar agoa do peito: *Exiuit san-*

*guis, & aqua*: porque se essa sede procedia do muito fogo, que ardia em seu coração, & neste estavão rios de agoa, como não apaga com tanta agoa tanto fogo? Pera que se queixa? *Sitio*: pois não justifica muyto a sua queixa quem em sy mesmo pode encontrar o remedio. Drey.

106 Estes rios de agoa, que manarão do peito de Christo, disse São Cypriano, que erão rios de lagrimas: *Ex hoc fonte perennes lachrymarum effluunt rivuli*: & como erão rios de lagrimas, & a sede de Christo procedia do intenso fogo de seu amor, não se apaga a sede do amor com rios de lagrimas: se essa agoa fora sómente agoa, poderia extinguir o ardor do fogo, mas como eram lagrimas, não podião satisfazer do amor a sede; que como estas sejam agoa muy ardente, applicadas ao fogo tão fora estão de lhe mitigar as chamas, que antes lhe avivão mais os incendios.

107 Desate pois a Magdalena as correntes de suas lagrimas sem termo, não ponha registro a seus olhos, tenham

Cyprian  
sermão  
de Passi  
one.



nhão principio: *Cæpit rigare*: mas não tenham fim; porque ainda que estão perdoadas as culpas, não estão extintos os incendios: & assim pera desempenho, & satisfação do amor sejam superabundantes não só na copia, mas na duração estas lagrimas: *Cæpit rigare: Cæpit inundare.*

108 Demos agora satisfação à terceira prerogativa! cõ o terceiro titulo, vejamos como pera cabal satisfação, as lagrimas da Magdalena foram publicas: *Pedes ejus*. Buscou a Magdalena pera chorar suas culpas os pès de Christo, quando entre hũa numerosa multidão de convidados assistia em casa do Fariseo. *Vt cognovit quod accubisset, &c.* & não parecia mayor acerto buscar a Magdalena os pès de Christo em occasião de menor concurso, & fugir aos olhos do mundo, quando fazia a Deos sacrificio de seus olhos? Que como as finezas escondidas sejam mais qualificadas, sendo aquellas lagrimas occultas, seriam mais bem aceitas.

109 Oh não, publicamente havia de chorar a Magdalena, assim o pedião as tuas lagri-

mas pera serem perfeita satisfação: assim o pedião em quanto lagrimas, & em quanto lagrimas da penitente Magdalena: em quanto lagrimas; porque assim como he conforme à sua inclinação o serem publicas, assim he contra sua natureza o serem occultas. Deve ser a razão; que como as lagrimas tem seu nascimento nos olhos, ou na vista, pedem andar sempre à vista dos olhos, como fã naturaes das luzes, pedem ser manifestas. Lagrimas que se choram occultas não são boas pera satisfação; porque alem de serem muy violentas, são pouco valiosas: são muy violentas; porque tem contra sua natureza o curso: são pouco valiosas; porque com difficuldade consegue por meyo dellas quem pertende, o despacho, ou quem padece, o alivio.

110 Bateo o Esposo em huma occasião às portas de sua Esposa com a cabeça cheia de orvalho: *Aperi mihi soror mea.. quia caput meum plenum est rore, & cinnini me guttis noctium*. Por este orvalho se entendem as lagrimas, porq̃ o Chaldeo verte assim.



*Quoniam capilli capitis mei pleni sunt lachrymis.* Em outra occasião chorou Ierusalem vendose em hum grande desamparo: *Plorans ploravit:* & assim as lagrimas que chorou Ierusalem, como as que chorou o Esposo me parecem pelo curso violentas: as do do Esposo; porque subirão à cabeça: as de Ierusalem; porq̃ pararão nas faces: *Et lachryma ejus in maxillis ejus:* & tanto he contra a natureza das lagrimas o parar, como o subir; porque a sua inclinação he descer, não ló em quanto agoa, como he notorio, mas em quanto lagrimas; porque o natural destas he descerem a buscar o coração centro donde nascem. O que supposto hũas, & outras lagrimas me parecem violentas: as de Ierusalem; porque pararão: as do Esposo; porque subirão: & bem se vê que quando estas subião à cabeça, ficavaõ pelos cabellos. Mais. Com as suas lagrimas não alcançou o Esposo o despacho que pertendia; pois lhe não abriu a Esposa a porta. *Expoliavi me tunica mea:* nem tambem grangeou Ierusalem com suas lagrimas o alivio que procu-

rava: *Non est qui consoletur eam.* Forão lagrimas sem remedio.

III Pergunto agora. O motivo das lagrimas do Esposo não era hũa grande saudade? O das lagrimas de Ierusalem não era hum notavel desamparo? Sim: Pois se são tão naturaes os motivos, como são tão violentas as lagrimas: se nascem de tão justificadas causas, como não conseguem os seus efeitos? Porque hũas, & outras forão lagrimas occultas; pois se chorarão de noite: lagrimas da noite erão as do Esposo: *Guttis noctium:* de noite forão tambem choradas as lagrimas de Ierusalem: *Plorans ploravit in nocte:* & como não tiverão testemunhas estas lagrimas, antes ao chorar se occultarão com as sombras da noite, tiverão o curso violento; por isso humas subirão, por isso outras pararão: nem por meyo das suas lagrimas conseguiu o Esposo o despacho, nem por meyo das suas alcançou Ierusalem o remedio: *Non est qui consoletur:* ainda que o Esposo chore não se lhe franqueão as portas da Esposa pera a entrada: por  
mais



mais que chore Jerusaleem ha de achar fechadas pera o alivio as portas.

112 E se tanto he contra a natureza, & valor das lagrimas o não serem publicas, por isso eu dizia que as da Magdalena pera boa satisfação devião ser publicas em quanto lagrimas. E com mais razão o devião ser em quanto taes lagrimas, ou em quanto lagrimas da penitente Magdalena. Tinha sido peccadora publica: *Mulier in civitate peccatrix*: & pera cabal satisfação devião ser tambem publicas as lagrimas. O peccado publico não só offende a Deos, mas tambem offende ao mundo: offende a Deos com a sua malicia, & ao mundo com o mau exemplo: & como he offensa do mundo, & mais de Deos, ha de ser de tal forte a penitencia, que se dê satisfação a Deos, & juntamente ao mundo: & assim os peccados publicamente cometidos pera terem o perdão, hão de ser publicamente chorados.

113 Seja a prova do presente Evangelho. Aos pès de Christo tinha já a Magdalena chorado lagrimas sem

termo, & feito obsequios sem limite, & depois de feitos tantos obsequios, de vertidas tantas lagrimas, diz o texto que se cõvertèra Christo pera a Magdalena: *Cõversus ad mulierem*: & antes q̄ entre com o reparo, quero notar a differença que houve entre Pedro penitente, & a Magdalena arrependida. Primeiro se converteo Christo a Pedro, q̄ Pedro se cõvertesse a Christo: *Conversus Dominus respexit Petrum*: eis ahi Christo convertido a Pedro: *& egressus foras flevit amare*: eis ahi Pedro convertido a Christo: porèm a Magdalena primeiro se converteo a Christo, que Christo se convertesse à Magdalena: primeiro foi em Christo o ver: *Respexit*: do que em Pedro o chorar: *Flevit*: na Magdalena primeiro foi o chorar: *lachrymis cepit*: que em Christo o ver: *Cõversus*: os olhos de Christo causáráo as lagrimas de Pedro: as lagrimas da Magdalena roubáráo os olhos de Christo.

114 Mas indo ao nosso intento. Ainda agora se converte Christo à Magdalena? Não en fina a Theologia que



no mesmo ponto em que o peccador se converte a Deos, se converte Deos ao peccador? Pois se a Magdalena desde que sahio de sua casa buscar a Christo, vinha convertida, & estava desengana- da: *Vt cognovit*: como ainda agora depois de tantas lagrimas, depois de tantos obsequios se converte Christo à Magdalena? Reforcemos esta duvida com outra tambem do texto. Saõ alguns Autho- res de parecer que dera Chris- to à Magdalena o perdão de suas culpas quando proferio estas palavras: *Remittuntur ei peccata multa quoniã dilexit multum*. Pois agora de presente lhe dà o perdão: *Remittuntur*: quando o amor foy de preterito? *Dilexit*: Esse amor não foy o motivo, ou causa do perdão? *Quoniam dilexit*: pois como lhe não dà Christo o perdão em o mesmo ponto em q̄ teve o amor?

115 Direi o q̄ me parece. He verdade q̄ antes de chegar a Magdalena aos pès de Christo estava no interior amante: *Dilexit*: & no seu coração convertida: com tudo não tinha ainda dado satisfa-

ção ao mundo; porque como seus peccados foraõ publicos, publica havia de ser tambem a satisfação. Porém agora q̄ a dà taõ cabal à vista de tantos convidados; pois vêm que aquelles olhos, que d'antes profanos offenderaõ a Deos com suas vistas, já agora chorosos o lisongeam com suas lagrimas: Que aquelles cabellos, que d'antes por asseda- dos foraõ hum laberynto do engano, já agora arrastados por terra saõ glorioso triumpho do arrependimento: que aquella boca donde sahirão tão inhonestas palavras, toda se desfaz em amorosos osculos: que aquelles perfumes, que em outro tempo dirigia a vaidade pera seu adorno, já agora os offerece aos pès de Christo por obsequio: que aquella que d'antes dava as costas a Deos, & o sequito ao mundo, já agora dà as costas ao múdo, & o sequito a Deos: *Stans retro*: que aquella que dantes fazia tanto calo das galas, agora só faz gala da penitencia, trocado o alinho em desalinho, o concerto em desprezo: finalmente que todos aquelles instrumentos, q̄ foraõ da culpa estimulos, saõ já da

Aliqui  
ap. Sylv.  
1. 3.



da graça trofeos: pois agora q̄  
dã taó cabal satisfação ao mū-  
do; pois o edifica com seu ex-  
emplo quem dantes o offen-  
dia pelo escandalo, agora se  
converte Christo à Magdale-  
na: *Conversus ad mulierem:*  
agora se lhe perdoão seus pec-  
cados: *Remittuntur ei pecca-  
ta multa.*

116 Respeitou o perdão  
não só o amor, mas também  
as lagrimas; o amor; porque  
com elle se converteo a Deos:  
as lagrimas, porque com ellas  
satisfez ao mundo: & por isso  
o texto quando fallou das la-  
grimas em ordem ao perdão,  
pozlhe esta particula causal:  
*propter quod dico tibi, &c.* &  
fallando do amor, também  
lhe poz causal: *Quoniam di-  
lexit.* E como só sendo a sa-  
tisfação da Magdalena publi-  
ca, era cabal satisfação, por isso  
busca os pès de Christo: *Pe-  
des ejus:* quando assiste entre  
tantos convidados, pera que  
não só chorando muytas la-  
grimas, mas chorandoas aos  
olhos de muytos, fossem pe-  
ra cabal satisfação lagrimas  
publicas.

117 Temos desempenha-  
do a terceira prerogativa com

o terceiro titulo. Demos có-  
plemento à quarta, mostran-  
do como em o modo de con-  
fegurem seu effeito forão ef-  
ficacissimas estas lagrimas.  
Em o mesmo tempo que a  
Magdalena com suas lagrimas  
regava os pès de Christo, la-  
vava também as manchas de  
sua alma. Disse o elegante-  
mente hum Douto: *Capit ri-  
gare pedes, & capit lavare* Calama  
*maculas:* & se forão copiosas tus.  
as lagrimas em o regar das  
plantas, forão também effi-  
cacissimas em o purificar das  
maculas. Tem as lagrimas pe-  
nitentes por effeito transferi-  
rem hũa alma do infelice es-  
tado da culpa ao venturoso  
estado da graça: Isto fizeraõ  
as lagrimas da Magdalena,  
mas fizerão mais do que isto;  
pois de sorte lavaraõ as suas  
manchas, que lhe não deixã-  
rão vestigios: de tal modo  
a deixaraõ pura, como se dan-  
tes não fosse peccadora.

118 Assim o innue S. João  
Chrysofomo nestas palavras Chrysof.  
fallando da Magdalena: *Vir-  
gines quoque ipsas honestate  
superavit.* Diz q̄ excedeo na  
pureza às q̄ por virgens sem-  
pre forão puras. Pois se as  
D vir-



virgens forão innocentes, & a Magdalena peccadora, como podia exceder huma peccadora na pureza às innocentes? Parece que o Santo não considerou a Magdalena peccadora quando lhe chamou mais pura, não devia de se lembrar dos peccados, quando lhe considerou as lagrimas. Oh lagrimas de singular efficacia! As outras lagrimas penitentes de qualquer peccador purificação as culpas de sua alma, mas nunca as apagam da nossa memoria: mas as da Magdalena tiverão tal efficacia que as apagarão da memoria, quando as extinguiram da alma. Poucas horas havia que a Magdalena tinha sido peccadora, mas esses peccados, que estavam tão perto pela existencia, estavam muy longe pera o conhecimento, & pera a lembrança.

119 No mesmo texto temos a prova. Estranhando o Fariseo a Christo deixarse tocar da Magdalena, disse desta sorte: *Hic si esset propheta, sciret utique quæ, & qualis est mulier quæ tangit eum, quia peccatrix est*: Se este fora profeta, sem duvida co-

nhecera que a mulher q̄ tem a seus pês he peccadora. Se este fora profeta! Pois não era a Magdalena hũa peccadora publica? *In civitate peccatrix*: Quem o duvida? Pera conhecer hũa peccadora, que he publica acha o Fariseo que he necessario ser Christo profeta? Sim, disse bem o Fariseo sem saber o q̄ disse. Este seu dizer foi mysterio, quando mais quiz calumniar a Magdalena, então a canonisou mais. O dom de profecia he hũa illustração sobrenatural comque o entendimento conhece o que naturalmête não alcança: com o dom de profecia se conhecem aquelles objectos, que estão muy longe do conhecimento das potencias, & muy remotos das operaçoens dos sentidos.

120 Pois mysteriosamente diz o Fariseo que só hum profeta pode conhecer que a Magdalena foy peccadora, q̄ isso querem dizer estas palavras: *Quia peccatrix est*: porque de sorte aquellas lagrimas apagarão as culpas não só da sua alma, mas do nosso conhecimento, que pera as conhecer o entendimento humano se ha de ajudar



judar de huma illustração divina: está já tam longe da Magdalena o ser de peccadora, que pera se saber que o foy, he necessario hum dom de profecia: *Si esset propheta*: taõ efficazes forão aquellas lagrimas, q̄ naõ só fizeraõ perecer as culpas em quanto à existencia, mas tambem deffapparecer de toda a lembrança. Mais digo q̄ pera triunfo de taõ singular penitente parece quiz Deos que naõ só esquecessem as culpas, mas tudo aquillo que podia despertar a memoria dellas.

121 Querendo o Evangelista São Ioão explicar quem era Maria irmãa de Lazaro, disse que era a mesma, que ungiu os pès de Christo com unguento, & os alimpou com os cabellos: *Maria autem erat, que unxit Dominum unguento, & extersit pedes ejus capillis suis*. Nisto que o Evangelista diz da Magdalena se refere ao que obrou neste dia em casa do Fariseo. Mas parai sagrado Evangelista, q̄ pareceis diminuto na narração. Dizeis que a Magdalena ungiu os pès de Christo, que lhos alimpou, & não dizeis q̄

chorou lagrimas? Se à vista das lagrimas ficão os mais obsequios a perder de vista, como fazendo menção dos mais obsequios que obrou amante, passais em silencio as lagrimas q̄ chorou penitente? Entendo q̄ foy direcção do Espirito Santo q̄ movia a penna do Evangelista.

122 Os mais obsequios q̄ a Magdalena fez a Christo naõ diziaõ de sy ordem a culpas; pois os fez tambem a Magdalena depois de justificada, como consta dos Evangelistas: porèm as lagrimas que chorou em casa do Fariseo dizião ordem a culpas; pois como lagrimas penitentes, necessariamente as suppunhão. E q̄ fez o Evangelista governado pelo Espirito Santo? Repetio os mais obsequios, & callou as lagrimas, pera que com ellas senão despertasse a lembrança das culpas; que como o ser penitente suppoem o ser peccadora, pera que se não lembre que foy peccadora, não se diga que foi penitente: não se faça menção das lagrimas que chorou por culpas, porque se não excite a memoria das culpas na repetição das lagrimas.



Pera credito de tão singular penitencia sepultése de todo suas culpas no esquecimentto.

123 Este foy o effeito, que conseguirão as lagrimas da Magdalena com a sua efficacia: E como forão singulares na efficacia, tambem forão singulares no effeito, de sorte lhe lavaraõ as maculas: *Capit lavare maculas*: que fizerão nella hũa extraordinaria mudança. Quem visse a Magdalena depois de convertida a julgaria muy outra da que foy sendo peccadora; que como com huma tão grande dor a derribou hum desmayo aos pès de Christo, ficou de todo alienada: & ainda que com os muytos borrifos de agoa tornou em sy, não tornou a sy. Pedro no carcere tornou em sy, & tornou a sy: *Ad se reversus*: tornou em sy; porque despertou do sono com que dormia: tornou a sy; porque ficou o mesmo que dantes era. Porèm a Magdalena tornou em sy com os borrifos de agoa, mas não tornou a sy: tornou em sy; porque despertou do letargo dos vicios em que estava adormecida: não tornou a sy; porque ficou

muy outra da que dantes fora.

124 E aqui se vio bem a singular efficacia de suas lagrimas, porque as outras lagrimas penitentes deixão huma alma com o mesmo ser, & só a mudão a novo estado: porèm as da Magdalena não só a puzerão em outro estado, mas parece lhe derão ser distincto. Assim parece o deo a entender Christo no que disse ao Fariseo: *Vides hanc mulierem? Vedes vòs esta mulher?* E se Christo sabia muy bem que o Fariseo estranhava ter a seus pès a Magdalena, como pergunta se a via? *Vides hanc mulierem?* Oh não perguntava Christo ao Fariseo se via a Magdalena, mas se via aquella: *Hanc*: porque aquella era já outra Magdalena; como se dissera ao Fariseo: chama-lhe peccadora? *Quia peccatrix est*: pois não vedes esta: *Hanc*: porque esta que vedes não he a que foy peccadora: essa era huma, porèm esta he já outra; porque foy tal a efficacia de suas lagrimas, que não ló a passou de hum estado a outro estado, mas de hũ ser a outro ser. Grande foy o nume



ro de suas culpas: *Peccata multa*: mas foi mayor o effeito de suas lagrimas: *Vbi abundavit delictum superabundabit, & gratia*. Abundou a culpa, mas superabundou a graça. Oh lagrimas tão heroicas, que se fostes copiosas no correr, fostes efficacissimas no lavar! *Cepit rigare pedes, & cepit lavare maculas*: se fostes abundantes pela causa, tambem fostes vigorosas pera o effeito!

125 Tenho dado satisfação da forte que pude ao que prometti, & desêpenhado às quatro prerogativas, que fazem as lagrimas de hoje mais dignas com os quatro titulos que tirei do nosso thema. Vimos como pera o agrado, & aceitação de Deos forão lagrimas eloquentes: pera desêpenho do amor superabundantes: pera cabal satisfação lagrimas publicas: pera conseguirem o seu effeito lagrimas efficacissimas. Vimos tambem o fruto que a Magdalena tirou das suas lagrimas: permitta Deos que destas lagrimas colhamos nòs algum fruto. Oh se nestas lagrimas que correm dos olhos da Magdalena penitente pu-

zeramos nòs os olhos, pera chorar muytas lagrimas arrependidos! Em húa occasião que Christo vio chorar a Magdalena, rompeo o seu sentimento em lagrimas: *Vt vidit eam plorantem lachrymatus est Iesus*: & se aquellas lagrimas moverão a Christo à piedade por saudosas, quanto mais nos devem mover estas à imitação por penitêtes: *Cujus saxum pectus ille hujus peccatricis lachryma ad exemplum penitendi non emolliant*; diz São Gregorio Papa. Que coração haverà tão duro, que com o exemplo destas lagrimas se não torne brando?

126 Ah olhos de peccadores que tanto offendeis a Deos com vossas vistas, aprendei da Magdalena a chorar sem termo vossas culpas, & ainda q̄ de chorar cegueis, deixai, que melhor vos ferà ficar cegos, q̄ cahir em tanta cegueira. Tomai por exemplar aquelle mayor exemplo da penitencia, que chorou toda a vida seus peccados: primeiro se lhe acabarão os alentos, que se lhe enxugassem os olhos. Doze annos teve de peccadora, & trinta de penitente, & ficou



excedendo muyto o tempo de penitente ao tempo de peccadora, & com razão; porque qualquer peccado de hum instante se devia chorar por toda a vida, mas ainda mal que os peccados de hũa vida toda não choramos por hum só instante; tanto se occupaõ nossos olhos em ver, sem q̄ se abraõ hũa hora pera chorar, passase hum anno, outro anno, hũa quaresma, outra quaresma, não fazemos penitencia quãdo he tempo, & às vezes nos vem a faltar o tempo pera a penitencia.

127 Adverti fideis, que todo o tempo que não choramos, he tempo que perdemos: & perder o fruto das lagrimas, oh que grande perda! Porque as lagrimas não só são lavatorio de culpas, mas tambem servem de abrandar a Christo em sua dureza, & mitigar os rigores de sua justiça: servem de abrandar a Christo em sua dureza; porque as lagrimas são agoa, & Christo pedra, & tanto dà a agoa na pedra, atè que a faz abrandar: servem de mitigar os rigores da Divina justiça; pois Deos quando cas-

tiga he fogo: *Deus ignis consumens est*: & como as lagrimas são agoa, quem duvida, tem a agoa virtude pera mitigar a actividade do fogo. Estes são os frutos que se colhe das lagrimas. Pois pera colher das lagrimas estes frutos, que nos detem! Que nos prende! Hum mundo que he hum delirio! Hum mundo que he hum engano!

128 Oh voltemos como a Magdalena as costas ao mundo, cortemos os laços deste laberynto, que nos enreda, sigamos os passos daquelle Deos, que nos chama, & prostrados a seus pès, como a Magdalena, digamos com nossas lagrimas. A vossos pès meu bom Iesvs alcançou a Magdalena o perdão de suas culpas: mas soube o grangear com suas lagrimas; porque vos amou muyto: *Quoniam dilexit multum*. Inflamai pois a dureza de nossos coraçoes pera que ateadas nelles as chamas de vosso amor, à imitação da Magdalena se destilem em lagrimas, & se purifiquem de culpas: & assim contritos todos, & arrependidos me-



mereçamos ouvir de vossa boca aquelle *remittuntur*, que ouvio a Magdalena, & desta forte alcancemos hu- ma plenaria absolvição de culpas por favor da Divina graça que he penhor da gloria.

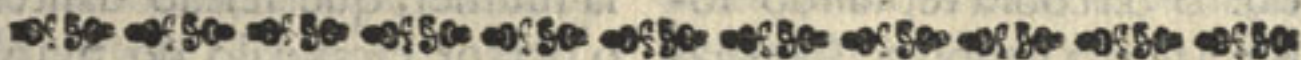
# S E R M A O

D A S

## LAGRIMAS DA MAGDALENA

P R E G A D O

NA SANTA CASA DA MISERICORDIA  
de Coimbra.



*Vt cognovit, lachrymis cepit rigare pedes ejus. Luc. cap. 7*

129



Egunda vez subo a este pulpito a prègar as lagrimas da penitente Magdalena. E achandome perplexo entre as difficuldades de descobrir hum caminho novo, pera me desviar do que já tinha seguido, me inculcou Salamão em lugar de hum caminho tres caminhos, em tres enigmas, no seu livro das

Parabolas. Porque hũa conversão tão mysteriosa, hũa penitencia tão rara só se pòde explicar por parabolas, só se pòde entender por enigmas: *Viam Aquile in Cælo, viam Colubri super petram, viam Navis in medio mari.* Estes são os tres caminhos, ou enigmas: o caminho da Agua pelo Cèo: o caminho da serpente sobre a pedra: o caminho da Nao em o meyo do mar.



130 Porém q̄ importa descobrir estes caminhos, ou enigmas se cō elles não evitey as difficuldades; pois se encerrão tantas difficuldades nestes tres enigmas, ou tres caminhos, como confessou o mesmo Salamão: *Tria sunt difficilia mihi.. Viam aquilæ in cælo, viam colubri super petram, viam navis in medio mari.* Se investigar estes caminhos, & perceber estes enigmas foy arduo ao juizo do mayor Sabio, como não será impossivel ao meu juizo? O caminho da Aguiã penetrando os ares he muy subido: o da cobra reptando sobre a pedra he muy aspero: o da Nao cortando os mares he muy profundo. Em o do ar não se podem dar passos: em o da pedra não se pôde hir sem tropeço: em o do mar não se pôde tomar pé.

131 Ora parece que dei no segredo destes enigmas, no mysterio destes caminhos, valendome da doutrina do mesmo Salamão nas palavras seguintes: *Tria sunt aifficilia mihi.. Viam aquilæ in cælo, viã colubri super pe:rrã, viam navis in medio mari.* E diz logo a diante: *Talis est via*

*mulieris adulteræ.* Sabeis, diz Salamão, qual he o significado destes tres caminhos? He o caminho de hũa mulher peccadora por deshonestã, que adulterãdo mysticamête, empregou em o mûdo o amor q̄ era devido ao Esposo Divino de nossas almas.

132 E qual foy a mulher por antonomasia deshonestã, senão a Magdalena? *Mulier quæ erat in civitate peccatrix.* Este he o titulo, que lhe dà o Evangelho. Temos pois hoje representada nestes tres enigmas, ou caminhos a prodigiosa conversão daquela mulher, que sendo dantes o mayor escandalo do mundo por deshonestã, foy depois do mundo a mayor edificação por penitente: daquela mulher, que hindo dantes tão desencaminhada da verdade da gloria, deu hũa volta à vida, & buscou o verdadeiro caminho arrependida. Assim entende aquelle texto no sentido accomodatício Henrique de Engelgrave: *Talis est via mulieris adulteræ, hoc est Magdalena, quæ antea fuit peccatrix, & postea fuit penitens.*

133 Bis aqui nos dividio

Sa-

Serm. 1  
Magda  
len.



Salamão nestes tres enigmas, ou tres caminhos o assumpto do fermão em tres discursos, que hirão por esta ordem. No primeiro veremos a Magdalena em sua conversão Aguia voando ao Cèo: no segundo Nao em o meyo do màr: no terceiro Serpente tobre a pedra. O primeiro enigma nos mostrarà as lagrimas da Magdalena impetuosas, & velocissimas no curso: o segundo, excessivas na copia: o terceiro, prodigiosas no effeito. O thema nos ha de meter nestes caminhos, ou a caminho, & por não hir fóra de caminho, não me afastarey do thema.

134 He o primeiro enigma da côversaõ da Magdalena o caminho da Aguia pelo ar, ou pelo Cèo: *Viã aquilæ in Cælo.* E não seria melhor gero-  
glifico destas penitêtes lagrimas, hũa Rola com seus lastimosos gemidos? ou hũa Salamandra? Pois qual outra Salamandra a Magdalena vive desde hoje entre os incendios do fogo de seu amor: *Dilexit multũ:* Ou a Fenix? Pois como Fenix renalceo hoje entre chamas: *Dilexit:* & entre aromas: *Attulit alabastrũ in*

*guenti.* Mas hũa Aguia?

135 Sim. He a Aguia symbolo de hũa conversão penitente; porq̃ nella se acha hũa renovação mysteriosa. Quando a Aguia se vê envelhecida, cõ os olhos quasi cegos, & as azas pezadas, vai banhar-se em os christaes de hũa fonte: & alli posta aos rayos do Sol, reconcentrandose por Antiparistasis dentro o calor, purifica cõ aquellas agoas seus olhos, muda as pennas antiguas em pennas novas: & desta maneira a que já era envelhecida, fica renovada cõ os olhos claros pera os fitar em os rayos do Sol, & as azas expeditas pera voar ao Cèo.

136 Assim o affirmão muitos Authores, os quaes refere Lorino expõdo aquelle verso do Psalmo de David: *Renovabitur ut aquilæ juven-tus tua.* E por esta renovação da Aguia entendem a renovação de hũa alma pela penitencia. He tambem propriedade da Aguia voar cõ grande velocidade, como testemunya Plinio, & outros, & assim se colhe da Sagrada Escri-tura: *Aquilis velociores,* E principalmente quando se renova: *Aquila cum*

Lorin.  
toma 3. in  
Psalin.



*renovatur citius volat:* diz Plinio.

137 Appliquemos ao intento, & primeiro em quanto à renovação. Vendo e a Magdalena qual Aguia racional envelhecida não em os annos, mas em os vicios: *Erat in civitate peccatrix:* aquelle: *Erat:* significa diurnidade de tempo: cega pera a luz da razão, & da verdade, destituida das azas do amor, pera voar a Deos, foy buscar a fonte da vida Christo: *Apud te fons vitæ:* & formando tambem em seus olhos duas copiosas fontes de lagrimas, posta aos rayos do Divino Sol: *Stans retrò secus pedes ejus:* se começou a banhar naquellas fontes: & recolhendo, ou extinguindo dentro de seu coração o fogo do amor, que andava divertido em o mundo, pera se abraçar toda em o amor de Christo: *Dilexit multum:* purificou os olhos de tanta cegueira com o collyrio daquellas lagrimas: & despindo as pennas antigas, vestio novas pennas, mudando de amor profano em amor Divino, de cuidados distrahidos em hum desengano resolutivo, & huma

Fè constante: *Fides tua te salvam fecit.*

138 Vejamos a segunda propriedade da pressa: & abraços o caminho a primeira clausula do nosso thema: *Vt cognovit.* No mesmo ponto, em que à Magdalena se illustrarão os olhos do entendimento, foy logo como Aguia buscar a Christo naquella meza de Mizericordia: *Quod accubisset:* pera que lhe desse o pasto da alma: *Quasi Aquila festinans ad comedendum:* porque de longe o tinha dividido com a perspicacia da sua vista: *De longè oculi ejus prospiciunt.*

139 Tinha sido a Magdalena Aguia adulterina: *Via mulieris adulteræ:* que com as azas dos appetites voava pera a terra, & não pera o Cèo, fitava os olhos nas sombras dos vicios, & não em os rayos do Sol. Mas tanto que na renovação se lhe mudarão as azas, & se lhe purificarão os olhos: *Vt cognovit:* logo como generosa Aguia os converteo das sombras do mundo pera os rayos do Sol Divino: logo voou da terra pera o Cèo, do estado da culpa pera o da graça, ministrando lhe



o amor azas nas lagrimas, fervindolhe de ar os suspiros.

140 Voou a Magdalena de sua cata pera os pès de Christo com as azas do amor: dos pès de Christo pera o mesmo Christo, pera o Cèo, & pera a graça, não só com as azas do amor, mas com as azas das lagrimas, as quacs tão impetuosamente rebentãrão em seus olhos, que no mesmo póto, em que conheceo, chorou: *Vt cognovit, lachrymis cepit.* A mysteriosa conversão da Magdalena chamou S. Pedro Chryfologo húa suave consonancia de musica, a onde as lagrimas erão as vozes, as ternuras os quebros: & nesta musica consonancia se apressou tanto a Magdalena, que do *Vt: Vt cognovit:* subindo ao Sol: *Stans retrò secus pedes ejus:* chegou ao là: *Lachrymis cepit:* derretendo aos pès de Christo o coração em lagrimas, que forão azas, com que a Magdalena voou ao Cèo. São as lagrimas as melhores azas pera húa alma voar a Deos.

141 Ouvio Ezechiel o estrondo das azas, com que voavão aquelles quatro Espiritos, que no entender de Al-

cazar, representavão as almas justas: *Audiebam sonitum alarum:* & lhe pareceo como o som de muitas agoas: *Quasi sonum aquarum multarum.* E que tem que ver as azas cõ as agoas? As agoas correm, as azas voão: as agoas descem, as azas sobem: como logo comparou o Profeta o estrepito das azas ao estrondo das agoas? Não as comparou pelo que as agoas em sy são, mas pelo que significão. As agoas symbelisaõ as lagrimas: & como estes Espiritos voavão pera Deos, o mesmo erão azas que lagrimas; porque sam as lagrimas as melhores azas, com que húa alma pòde voar a Deos.

142 E sendo as lagrimas azas, com que huma alma voa pera Deos, as da penitente Magdalena o forão, não só por serem lagrimas, mas por serem taes lagrimas, ou frutos de sua admiravel penitencia. Refere Cassaneo no seu Catalogo de *gloria mundi* que em Hibernia ha húa arvore, cujos frutos são tão prodigiosos, que no mesmo ponto, em que toção na agoa, se animão, & vestindose de azas voão por esses ares ao Cèo:

*Qui*

*Apud A-  
lap. in E-  
zech.*



*Qui fructus in aquis dimerfi, mox animati in aera pennis volant.* Qualquer creatura humana he húa arvore, como ensinou o Filosofo: *Homo est arbor inversa*: & disse aquelle cego do Evangelho: *Video homines velut arbores*, &c. E hoje foy a Magdalena arvore frutifera, que deu frutos de penitencia maravilhosos.

143 Dous principaes generos de frutos, entre muytos, confidero nesta penitente arvore, & duas fontes, em que tocãrão. Hum fruto foy o do amor, ou contrição: *Dilexit*: outro foy o das lagrimas: *Lachrymis cepit*: O fruto do amor tocou na fonte, ou rio das lagrimas, que sahia do coração, aonde o amor tambem reside: os frutos das lagrimas, cahindo aos pès de Christo, tocãrão em outra fonte, que era a fonte da vida: *Apud te est fons vite*. E assim as lagrimas, como o amor se animãrão de sorte, que ficarão com azas, ou sendo azas, com que a Magdalena voou ao Cèo, & a se unir com Christo. Deixemos as azas do amor; porque he mais commum ter o amor azas:

vamos às azas das lagrimas.

144 Com o mesmo impeto, com que as lagrimas rebêtarão nos olhos da Magdalena, foraõ voando a render o coração de Christo: *Vulnerasti cor meum in uno oculo riu tuorum*. São Bernardino Senense explica este Texto à letra da Magdalena penitente: *Quod percutis sponsum usque ad vulnus, lachryma est*. Despedirão os olhos da Magdalena dos leus arcos settas de lagrimas penitentes ao coração de Christo. Forão estas lagrimas azas, & juntamente settas: forão settas; porque traspassarão o coração de Christo: *Vulnerasti cor meum. Quod percutit sponsum usque ad vulnus*, &c. Forão azas; porque não só fizerão voar o coração da Magdalena pera Christo, mas tambem o coração de Christo pera a Magdalena.

145 *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me avolare fecerunt*: são palavras do Espofo Christo ditas à Magdalena, conforme a intelligencia do mesmo São Bernardino Senense: apartay de mim, oh Magdalena, os vossos olhos; pois com suas penitentes lagri-



grimas me roubarão tão ve-  
lozmente o coração, que o fi-  
zeraõ voar de mim pera vós.  
E sendo estas lagrimas settas,  
& juntamente azas forão ma-  
is velozes em quanto azas,  
do que em quanto settas;  
porque antes que despedi-  
das dos olhos da Magdale-  
na, ferissem o coração de  
Christo, transferirão o cora-  
ção de Christo pera os olhos  
da Magdalena: *Avolare fece-  
rūt: lem outros: Transtule-  
runt.*

146 *Vulnerasti cor meū in  
uno oculorum tuorum.* Hum  
novo, & bom reparo se me of-  
ferece aqui. Feristeme, oh  
Magdalena, o coração em hū  
de vossos olhos? Improprio  
parece este modo de fallar! Se  
os olhos com as suas lagrimas  
forão os instrumentos, & cau-  
sas daquellas feridas: porque  
não diz o Esposo, feristeme  
com hū de vossos olhos? *Vno  
oculorum tuorum:* mas em  
hum de vossos olhos? *In uno.*  
Aquelle: *In uno:* denota mais  
o lugar, aonde o coração do  
Esposo foy ferido, do q̄ o in-  
strumento, cō que foy traspa-  
fado. Se a Magdalena ferio o  
coração de Christo em seus o-  
lhos: logo estava nos olhos da  
Magdalena o coração de

Christo. Assim parece.

147 Fizerão primeiro a-  
quellas lagrimas o officio de  
azas, q̄ o emprego de settas.  
Eu me explico: rebentaram  
nos olhos da Magdalena a-  
quellas penitêtes lagrimas cō  
tanto impeto: *Vi cognovit:* q̄  
namorado o coração de Chris-  
to do impetuoso das lagrimas,  
voou primeiro pera os olhos  
da Magdalena: *Avolare fece-  
rūt:* do q̄ as lagrimas lhe fi-  
zessem tiro ao peito: primeiro  
as lagrimas como azas fizerão  
voar o coração, q̄ como settas  
o chegassẽ a ferir: & assim  
quando fizerão como settas  
seu emprego no coração: *Vul-  
nerasti:* não estava já o cora-  
ção no peito de Christo, mas  
nos olhos da Magdalena: em  
os seus olhos foy ferido: *In u-  
no oculorū tuorum:* porq̄ pera  
os seus olhos estava já trasla-  
dado: *Avolare fecerūt: trans-  
tulerunt.*

148 Houve entre o coração  
de Christo, & as lagrimas da  
Magdalena hũa emulação a-  
morosa. Despedião os olhos  
da Magdalena as settas de tuas  
lagrimas pera renderẽ o cora-  
ção de Christo. E q̄ fez o cora-  
ção de Christo já rendido?  
Voou primeiro cō o impulso  
das lagrimas pera os olhos da



Magdalena: *Ipsi me avolare fecerunt.* Deste modo roubão o coração de Deos as lagrimas penitentes, que com mais pressa se chorão. Grande confirmação deste pensamento temos em o mesmo lugar. *Vulnerasti cor meum in uno oculorum tuorum, in uno crine colli tui.* Roubasteme o coração, oh Magdalena, com as lagrimas de vossos olhos, & em hum cabelo. Coração, que se rende pelos cabellos, mais se entrega por violencia, que por fineza.

149 Não está aqui o meu reparo, mas na fraze do texto. Que hũ só cabelo da Magdalena baste pera prender o coração de Christo, não me admira. Mas parece que havia de dizer: roubasteme o coração com hum de vossos cabellos, & não em hum de vossos cabellos: *In uno crine.* Oh que foy mysterioso dizer. Que significão os cabellos? Os pensamentos: *Capilli sũt cogitationes:* diz São Gregorio: logo em hum cabelo he o mesmo que em hũ pensamento. Quiz mostrar o Esposo Christo quanto lhe agradara a pressa, com que dos olhos da Magdalena brotaraõ

aquellas fontes de lagrimas: & disse que se lhe roubaraõ muyto o coração por terem lagrimas choradas por culpas, muyto mais por serem choradas em hum pensamento: *In uno crine:* em hum conhecimento instantaneo: *Vt cognovit.*

150 Em hum pensamento brotaraõ aquellas lagrimas dos olhos da Magdalena, & em hum pensamento renderão o coração de Christo. Oh que bem fez a Magdalena em se valer do remedio das lagrimas tanto que se lhe illustrou o entendimento: se pera cometer as culpas andou cegamente inadvertida, pera a emmenda dellas se mostrou discretamente apressada: em hum pensamento acodio, em hum pensamento chorou a distrahição de tantos pensamentos: *Vt cognovit.* Chora a Aguia quando se vê cativa, & preza pelo caçador (como disse Solino) chorou a Magdalena tanto que alumida pela Divina Graça se vio metida em o laço de tantas culpas. É pera soltar as correntes, que lhe tinham posto as culpas, soltou velozmente as correntes de suas lagrimas.

Ita Lau-  
ret.



151 Oh lagrimas impetuosas, com que a Magdalena, qual outra Aguia das azas grandes, voou a desentranhar a medulla do Cedro do monte Libano, que he o mesmo que o coração de Christo! *Aquila grandis magnarum alarum tulit medullam Cedri.* Aquella Aguia, que dantes como ave de rapina arrebatou tantos coraçãoes humanos destituida das azas das lagrimas: *Dilata calvitium tuum sicut aquila, quoniam captivi ducti sunt ex te:* agora já Aguia renovada, formando das lagrimas azas, voou a fazer preza no coração Divino: remontandose tão alto em o Cèo da Igreja militante, que deixou a perder de vistas as almas mais aballizadas por penitentes.

152 Na carroça, que vio Ezechiél voavaõ todos aquelles Espiritos pera Deos: porém a Aguia mais que todos: *Desuper ipsorum quatuor.* E he digno de reparo, dizer o texto que a face da Aguia hia eminente aos outros: *Facies aquilæ desuper ipsorum quatuor.* Bem. Se a Aguia excedia aos mais nos voos, se voava sobre os mais: porque

não diz o texto que as azas da Aguia hião superiores aos mais, mas que só a face lhes hia eminente? *Facies aquilæ desuper, &c.*

153 Direy. Nestes Espiritos se representavam as almas, que em grao mais subido forão justas, & penitentes (conforme a intelligencia de Alcazar) na Aguia se symbolitava a Magdalena: *Viam aquilæ.* E como as azas com que a Aguia, & os mais voavaõ pera Deos, eraõ as lagrimas: *Quasi sonum aquarum multarum:* o mesmo foy dizer o texto que a Aguia sobrepujava aos mais com a face, que com as azas; porque as azas erão as lagrimas, que brotavaõ em a face: *Facies aquilæ desuper.* Os viventes, que voão na região do ar, tem as azas em os hõbros: porém as almas penitentes, que voão pera Deos, tem as azas em os olhos; porque as suas azas são as suas lagrimas. E com estas azas se remontou tanto a Magdalena nos voos em o Cèo da Igreja militante, que deixou muyto a perder de vista aos mais aballizados penitentes: *Desuper ipsorum quatuor.*



154. Todos os mais tiverão nas suas lagrimas azas: mas as da Magdalena forão azas de Aguia, com que voou sobre todos. Porém ainda reparo. Se a Aguia com os outros fazia numero de quatro, porque não diz o texto que voava mais que os tres? E se voava sobre os quatro: logo voava sobre sy mesma. Assim parece. Tãto se apressou nos voos da terra pera o Cèo com as azas das lagrimas, que não só sobrepujou aos mais, mas a sy mesma se excedeo: *Desuper ipsorum quatuor.* He a Aguia, a que tem a coroa de Emperatriz entre as aves: he a Magdalena a que como Rainha tem a coroa entre as almas penitentes, por isso Magdalena se interpreta: *Coronata.*

155. Não parão aqui os prodigiosos voos desta Aguia. Forão tão meritorias as suas lagrimas, & azas tão maravilhosas, que não só fizeram voar o coração da Magdalena pera Christo, & o coração de Christo pera a Magdalena, mas tambem parece que fizeram voar os thesouros do peito de Christo pera remedio dos homens,

Rompeo o odio às lançadas o peito de Christo: & advirtio o Evangelista que fãira o sangue com grande pressa: *Continuò exiuit sanguis:* & tanto que parece que veyo com azas. Assim o entende hum Escriturario applicando ao sangue do Sacramento, q̄ foy este do peito, aquelle lugar de Malachias: *Et sanitas in pennis ejus.*

156. Pergunto. Porque fãhio mais apressado o sangue do peito, que o outro sangue das mais partes do corpo? O outro só ha de correr, & este ha de voar? Sim; porque só o sangue do peito fãhio juntamente com agoa, em a qual se reprezêção as lagrimas penitentes, como disse São Cypriano: *Ex fonte lateris, cõpunctionis, & lachrymarum perennes effluunt rivi:* & cõforme São Bernardino Senêse, Zerda, & Mora, naquella agoa se symbolisavão as lagrimas da penitente Magdalena, que como settas penetrarão o peito de Christo: *E cordis latebris hos fontes emisit, ubi sponsæ lachrymas conservabat:* diz Zerda. No sangue do peito se continhão incomparaveis thesouros de

gra;



graças, que manavaõ pera remedio dos homens: *De latere Christi exierunt sacramenta.*

157 E como só este sangue veyo unido com as lagrimas penitentes da Magdalena, q̄ erão azas, & não o outro: eis ali a razão, porque o outro sahio mais vagaroso, & este mais apressado: o outro pera o remedio dos homens correco, este voou: *Continuò exiit sanguis: sanitas in peninis eius:* as lagrimas como azas fizeraõ voar pera o remedio dos homens aquelles thesouros. Oh lagrimas prodigiosas! Que não só fostes azas, com que o coração da Magdalena voou pera Christo, & o coração de Christo pera a Magdalena: mas tambem fizestes voar os thesouros daquelle peito pera o nosso remedio.

158 Oh prodigio maior da penitencia neste Cèo da Igreja militante! *Signum magnum apparuit in celo.* Mulher com azas de aguia: *Data sunt mulieri ala duæ aquilæ magnæ:* que foraõ as suas lagrimas. Com estas triunfou daquelle Dragão infernal, que

tinha sete cabeças: *Habens capita septem:* & foraõ os sete demonios, ou peccados, que Christo lançou fóra da Magdalena: *De qua ejecerat septem demonia.* Com estas azas voou ao deserto, aonde fez penitencia atè o fim da vida: *Vt volaret in desertum.* Finalmente com estas azas voou pera Deos no mesmo ponto, em que conhecco: *Vt cognovit.*

159 Oh lagrimas impetuosas! Oh se a conversão da Magdalena servisse hoje pera o nosso exemplo, assim como serve pera a nossa admiração! *Signum magnum.* Se como a Magdalena caimos em tantas culpas: porque nos não levantamos logo como a Magdalena? Oh Aguias, que no mundo voaes com as azas da fortuna! Oh Aguias, que na Academia voaes com as azas do engenho! Voay voay com as azas das lagrimas penitentes. Os outros voos tẽ limitada esfera, não passaõ da terra: os das lagrimas chegão ao Cèo. Se tanto voaes pera as temporalidades, não deis passos lentos pera a conversão de vossas almas.



160 Aquelles quatro Espiritos da Carroça, diz o texto, que em algũas occasioens davaõ passos: *Cum ambularent*: em outras, que davaõ voos: *In similitudinem fulguris coruscantis*. E a razão, a meu entender, està no mesmo texto: *Ibant, & revertabantur in similitudinem fulguris coruscantis*: Aquelle *revertabantur*: verte Vatablo: *Convertabant se quocunque Deus jubebat*: o voltarem, era converteremse pera Deos, ou pera onde Deos os movia, & excitava, era darem huma volta à vida: *Circunvolvabant se*: lem outros. E se pera os outros fins davaõ samente passos: *Cum ambularent*: pera a conversão davão voos, hião como hum rayo: *In similitudinem fulguris coruscantis*.

161 Hũa alma não se ha de converter a Deos com vagar. Grande exemplo temos hoje naquella peccadora, de quem celebramos a conversão. A penas abrio os olhos pera o desengano: *Vt cognovit*: quando como Aguia com as azas das lagrimas voou ao remedio: *Lachrymis cepit*: voou ao Cèo: *Viam aqni-*

*le in celo*: banhando se de tal modo nas fontes das lagrimas, que de envelhecida nas culpas, se tornou Aguia renovada pela graça.

162 O segundo enigma desta prodigiosa conversão he o caminho da nao em o meyo do mar: *Viam navis in medio mari*. A nao em o meyo do mar tem dous sentidos, como diz Berchorio, em hum sentido representa hũa alma peccadora, que naufragando entre as ondas do mundo, ou dos vicios se vay a pique ao Inferno: *Anima peccatrix est quasi navis, quæ pertransit fluctuantem aquã*. Em outro sentido symbolisa hũa alma justa, que navega com bonança pera o porto da gloria: *In bono sensu per navim in mari intelligitur anima justa*. Em hum, & outro sentido foy nao a Magdalena: nao quando peccadora, nao quando convertida. Ora deitemos esta nao ao mar, & primeiro ao mar do mundo: *Mulier, quæ erat in civitate peccatrix*: despois ao mar das lagrimas: *Lachrymis cepit rigare*.

163 Entregou se às ondas do

Refert.  
Alap.



do mar deste mundo a nossa Nao Magdalena, engolfouse em o pègo dos vicios com muytos galhardetes, que serviaõ de ornato ao mastro, ou monstro da vaidade, & prefunção. Era esta nao capitania de muytas, que a seguião; por ser por antonomasia a peccadora: *In Civitate peccatrix.* Nella hia por general o Principe das trevas com a sua quadrilha: *De qua ejece- rat septem demonia:* pera a conduzir com as mais do E- gypto do mundo ao porto do Inferno: *Intravit in Ægyptum copiosa navium multitudine.* Era nao de guerra; pois cõ ella o demonio a fez a tantas almas. O piloto q̃ a regia, era hũ cego, o amor profano sem experiencia, nem doutrina.

164 Andava engolfada em o mais alto do mar, & como nao capitania levava em sy mayor carga, era grande o pezo, & assim começou a fluctuar entre as ondas: levátou-se a tormenta, sobreveyo a tempestade, alterarãose os mares, escureceose o ar com as nuvens da cegueira, de sorte que se não via Cèo, nem Sol. Fazia a nao agoa por muytas

partes; porque eraõ muytas as portas por donde entrava a somergela, por todos os fentidos, & pelas potencias todas. Sopravam os ventos das tentaçoes furiosamente em as velas dos appetites, q̃ pendião da entena da foltura, & liberdade.

165 Pelo que errada totalmente a viagem; porque afastada de Christo verdadeiro caminho: perdido o norte da virtude, sem o leme da razão, ou consciencia, sem o forol do fogo do amor Divino, sem a anchora da Fè, & Esperança, sem o lastro da Humildade, sem o prumo da Prudencia pera fondar a altura dos mares, & conhecer os perigos, sem as amarras da Constancia, hia encaminhando à perdição: aqui dava em Scylla alli em Charybdis: perigava em hũ destes extremos viciosos; porque não queria seguir o meyo da virtude: finalmente hia dando no boqueirão do Inferno, hia se a pique. E que remedio?

166 Começou a arrojjar ao mar a carga, & pezo das culpas: reconheceo por capitão general, não ao Principe das trevas, mas ao



Príncipe das luzes. Succedeo na Nao Magdalena, o que aconteceu àquella nao, em que hião os Discipulos. Estando Christo fóra da nao levantouse a tempestade, & viose quasi somergida: *Navicula autem in medio mari jaetabatur fluctibus*: entrou Christo em a nao, & logo cessou a tormenta: *Et cum ascendisset naviculam, cessavit ventus*. Da mesma sorte, tanto que a Nao Magdalena deu entrada a Christo, logo se converteo a tormenta em serenidade, a tempestade em bonança.

167 E mudando de hum piloto cego em outro lince, que foy o desengano: trocada a cegueira em luz do conhecimento: *Vt cognovit*: seguindo o norte da virtude: tendo já por leme o dictame da consciencia: por forol o fogo do amor Divino: *Dilexit multum*: por anchora a Fè, & Esperança: *Fides tua te salvam fecit*: por lastro a Humildade: *Stans retrò secus pedes ejus*: por prumo a Prudencia: trocados os ventos furiosos das tentações em brandos zefiros das

inspiraçoens Divinas, com cujo impulso se movia, & excitava: as velas dos appetites lascivos em affectos bé ordenados, tomou outro rumo.

168 E se dantes era capitania das almas peccadoras, já agora he guia das almas penitentes: se dantes nao guerreira, já agora nao pacifica: *Vade in pace*: se dantes levava o grande pezo das culpas, agora leva por carga innumeraveis perolas em suas lagrimas, pedaços de ouro em seus cabellos, preciosos unguentos, ericos alabastrros: *Attulit alabastrum unguenti*: que tudo vay offerecer aos pés daquelle Senhor, que he Senhor de tudo. Se dantes o pezo das culpas a derriba, agora o ar dos suspiros a levanta: se dantes, navegando por hum mar de vicios, hia já dando à costa, agora navegando por hū mar de lagrimas acha em as costas de Christo o porto da salvação: *Stans retrò*: aqui lançou anchora servindolhe os cabellos de douradas amarras: *Capillis capitis sui tergebat*. Eis aqui aquella nao peccadora: *Pec-*

Alap



*catrrix*: feita já não penitente: *Lachrymis cepit rigare.*

169 Navegou esta Não por hú mar de lagrimas. E aqui veremos a segunda prerogativa destas lagrimas, que he serem excessivas na copia: *Lachrymis cepit rigare*: Começou a Magdalena a regar as plantas de Christo com os rios de suas lagrimas, pera delias colher os frutos da vida. E se estas lagrimas sahindo das fontes já eraõ rios: *Rigare*: q̄ ferião na continuação senão hum mar? Se nos principios foraõ inundações: *Cepit inundare*: verrem alguns: que haviaõ de ser depois senão hú Oceano? Como procedião de hũa contrição heroica: *Dilexit multum*: claro está q̄ haviaõ de competir com a immensidade de hum mar.

170 As lagrimas de Jerusalelem comparou Jeremias à grandeza do mar: *Velut mare*. Representava Ierusalem aqui no sentido mystico hũa alma peccadora arrependida: *Alap. hic* *Loquitur de anima peccatrice*: diz o Alapide. E como aquellas lagrimas nasciaõ de hũa contrição heroica: *Mag-*

*na est velut mare contritio tua*: como não havião de ser hum mar aquellas lagrimas? Pera desafogo de qualquer outra dor, por mais activa q̄ seja, bastarãõ lagrimas, que seião fontes, ou rios: mas pera desempenho de hũa perfeita contrição de culpas, hão de ser as lagrimas como hum mar. As outras lagrimas poderãõ ter limite, ou medida: as lagrimas perfeitamente penitentes não admittem medida, nem limite.

171 Pera sustento do povo de Israel chovia todos os dias o Mannà em o deserto, & cõ o Mannà cahia juntamente o orvalho: *Cum què descenderet nocte supra castra ros descendebat paritèr & Man*. E não lemos q̄ o povo colheffe o orvalho, nem que Deos o mandasse. Agora entra o meu reparo. Se alsim o orvalho, como o Mannà era beneficio, que cahia do Cèo: porque não mandava Deos ao povo que colheffe o Mannà juntamente com o orvalho? E como o orvalho não cahia liquido senão congelado. *Ros ergò* (diz o Alapide) *nõ significat torulentum vaporem, sed condensatum,*



*& congelatum:* ficava capaz de se colher.

172 Reforço mais a duvida passando ao sentido mystico. Assim como o Mannà era figura do Sacramento da Eucharistia, assim o orvalho era symbolo das lagrimas perfeitamente penitentes, com que nos havemos de dispor pera o receber: logo pera se conformar bem a figura com o figurado, primeiro, ou igualmente havia de colher o povo o orvalho cõ o Mannà. Digo que não era conveniente, antes repugnante à natureza do orvalho q̄ se colhesse pelo mesmo estillo com que Deos mandava colher o Mannà.

173 Mandava Deos que cada hũ colhesse do Mannà o que lhe bastasse, & por huma medida chamada Gomor, q̄ correspondia a hũa quarta, & que por esta fosse razado: *Colligat unusquisque ex eo quantum sufficit ad vescendum: Gomor per singula capita. Et mensi sunt ad mensuram Gomor:* E não era justo que colhessem por este estillo o orvalho; pois como symbolisava as lagrimas perfeitamente penitentes, estas não se co-

lhem por medida: sem medida se haõ de colher; porque sem termo se hão de chorar: medir, ou razar estas lagrimas, que pedem ser sem medida, & sem limite, repugna a toda a boa razão: não se ha de colher das lagrimas penitentes só o que basta: *Quantum sufficit ad vescendum:* mas o que sobra.

174 Dar Deos a hũa alma o dom de lagrimas penitentes por medida, & com limite, sendo na realidade beneficio, pelo que tem de lagrimas, pela limitação parece castigo. Queixavase David a Deos profeticamente em nome do povo cativo em Babilonia, & dizia assim: *Quousque irascèris? Cibabis nos pane lachrymarum, & potum dabis nobis in lachrymis?* Até quando, Senhor, até quando ha de perseverar pera cõ nosco a vossa indignação? Mostrarvos-eis ainda irado dandonos lagrimas por sustento?

175 Bem. O dom das lagrimas não he favor da Divina Misericordia? Quem o duvida? Como logo o avalia David por effeito da sua vingança? *Quousque irascèris?*

De



De mais que o povo cativo em Babilonia representa os peccadores presos com os laços das culpas em a Babilonia do mundo: pelo que no sentido mystico fallava David das lagrimas penitentes. E q̄ maior beneficio pera os peccadores que o dom das lagrimas penitentes?

176 Sabem porque David o reputou por castigo? Porque considerava que daria Deos ao povo estas lagrimas por medida. Vejão: *Cibabis nos pane lachrymarum, & potum dabis nobis in lachrymis in mensura?* Por ventura dar-noséis, Senhor, o dom de lagrimas penitentes coartado, & por medida? *In mensura?* Isso, Senhor, em lugar de remedio parecerá castigo: *Quousque irascèris?* Ainda que seja, em quanto dom de lagrimas, beneficio de vossa Misericordia, o limitalas, & medilas parece effeito de vossa Ira. Lagrimas perfeitamente penitentes não se haõ de medir; porque haõ de ser como hũ mar.

177 Pedem de sua natureza nem ter limite na copia, nẽ termo na duração. Assim o ensinou meu grande Padre

Santo Agostinho: *Continuè dolendum de peccato, ut semper puniat in se ulciscendo, quod commisit peccando.* E a razão pòde ser. Porque o peccado he hũa offensa infinita, ou *simpliciter*, como querem muytos Theologos, ou *secundum quid*, como dizem outros: & por elle se cõdena o homem à pena eterna: & assim pera ser mais cabal a penitencia parece que se haõ de eternizar as lagrimas, haõ de ser como infinitas.

178 Oh que bem se ajustou a Magdalena cõ este dictame! Chorou muyto, & chorou sempre: *Per totam vitam nunquam à lachrymis temperavit:* diz Agostinho. Por copiosas, & perennes me parecem as lagrimas desta Santa penitente na apparencia perpetuas, & infinitas. Tudo nos mostra o Evangelho. Não tiverão estas lagrimas fim, & parece que não tiverão principio: não tiverão fim; porque diz o texto que a Magdalena começou a chorar: *Capit:* não nos diz que acabou. Nos mais obsequios falla o Evangelho com determinação, diz que ungiu, que alimpou, que deu osculos:

Refert.  
Engel-  
grav.  
tom. 4.



*Tergebat, ungebat, osculabatur:* mas quando fallou das lagrimas, não diz que chorou, diz que começou a chorar: *Capit:* falla nos principios, mas nam no fim.

179 E se estas lagrimas não tiverão fim, nem tambem principio. Notem. *Lachrymis capit:* não disse o texto: *Capit lachrymis:* poz mysteriosamente as lagrimas antes do principio: *Lachrymis:* eis aqui as lagrimas: *Capit:* eis aqui o principio: & lagrimas, que são antes do principio, não tem principio. E se estas lagrimas, ao que parece, não tiverão fim, nem principio, bem se segue que foram como perpetuas, ou infinitas, forão excessivas na copia; porque chorou muyto, & chorou sempre.

180 Porém pergunto. He necessario que as lagrimas se eternizem pera apagarem as maculas dos peccados? Não, mas por respeito da sede do peccador, que causaão as mesmas lagrimas. Por mais lagrimas penitentes, que se choré, nunca satisfazem a sede de se chorarem, antes quanto mais se choram, mais sede causam.

Falla David das suas lagrimas penitentes, & diz que lhe servião de sustento, & que as comia como pão: *Fuerunt mihi lachrymæ meæ panes:* tambẽ estava com ellas, que eraõ o seu comer.

181 Pergunto agora. Se David confessa que as suas lagrimas erão o seu manjar: porque não diz que lhe serviam tambem de bebida? Mais proprio he das lagrimas serem bebida que comida; porque são liquidas, & são agoa. Pois como não diz David que com ellas fazia refeição de pão, & agoa, mas só de pão? *Fuerunt mihi panes.* Direy. O pão como he alimento apaga a fome, mas excita a sede: a bebida extingue a sede, & pera este fim se toma. E quiz David mostrar que ainda que chorasse de dia, & de noyte: *Die, ac nocte:* não lhe extinguirão aquellas lagrimas a sede, antes mais lha augmentarão: por isso não chamou às lagrimas potajem, q̄ se bebe, mas pão, que se come.

182 He verdade que as lagrimas penitentes em David tinhão razão de sustento; por q̄ lhe apagavão a fome, ou *fomes peccati:* mas não de agoa; por-



porque lhe não satisfazião a sede: antes quanto mais chorava, mais sede tinha de chorar. Esta he a propriedade das lagrimas penitentes, & com mayor razão das da Magdalena; porque, como procedião de hũa dor intensissima, erão mais amargosas, & salgadas, tinham a natureza do mar: & assim quanto mais na officina do coração se multiplicavam, tanto mais crescia a sede no coração.

183 Em David as lagrimas não lhe apagarão a sede, mas tiveram termo estas lagrimas, fallou dellas como já passadas: *Fuerūt mihi lacrymæ meæ.* Porém a Magdalena teve hũa sede infaciavel, & continuou as lagrimas por todo o discurso da vida: *Per totam vitam* &c: começou: *Cæpit:* & não acabou. Que as lagrimas de David lhe não apagassem a sede, sendo fontes, & sendo rios: *Exitus aquarum deducunt oculi mei:* muyto he. Mas que se não satisfaça a Magdalena de verter lagrimas, sendo essas lagrimas hũ mar! *In medio maris: capit inundare:* Isto he mais. Oh lagrimas excessivas na copia! Oh sede infaciavel, que tanto

levalles o agrado de Christo!

184 Antes de Christo expirar na Cruz teve sede: *Sitio:* E explicando São Pedro Chrysologo mysticamente esta sede, disse que a sede da Magdalena causara a sede de Christo: *Sitit Magdalena sitim:* Teve sede da sede da Magdalena. Que Christo tivesse sede das lagrimas da Magdalena, bem se entende: mas da sede? Sim. Muyto levarão as lagrimas da Magdalena o agrado de Christo, mas a sede dessas lagrimas parece lhe excitou mais o desejo. como se dissera Christo: que a Magdalena chore tão copiosas lagrimas, muyto me agrada: mas que sendo tão abundantes as lagrimas não lhe apaguem a sede, ainda tenha sede de mais lagrimas, isso he o que mais me namora, isso he o que mais appetço: *Sitit Magdalena sitim.* Porque a Magdalena teve tanta sede das lagrimas, por isso Christo teve sede da sede da Magdalena.

185 Oh exemplar mayor da penitencia! São as vossas lagrimas hũ mar, aonde o meu discurso não pode tomar pé. A differença, que



vay do mar aos rios, vay das vossas lagrimas às lagrimas dos mais penitentes. Os mais foraõ bateis, que navegãrão em os rios: vós fostes nao, que vos engolfastes em o immenso dos mares: *Viam navis in medio mari*: no mar vermelho das lagrimas, que faó sangue da alma, affogastes o Egypto do mundo, & como capitãnia abristes estrada pera as mais com a vara da penitencia: *Virga penitentia*. Oh mysteriosa Nao! Que se dantes naufragastes em o mar dos vicios: *Peccatrix*: agora navegas felizmente por hum mar de lagrimas: *Lachrymis capit rigare*.

186 E vós, oh almas, que como naos andaes entregues às ondas do mundo: *Anima peccatrix est navis*: que fluctuaes em hũ mar de culpas: se em algum tempo seguistes a Nao capitãnia Magdalena, quando desencaminhada, seguia tambem agora, pois vay pelo verdadeiro caminho arrependida: disse a semelhante intento Santo Ambrosio: *Si secutus es errantem, sequere penitentem*: Se seguistes a Magdalena, quando naufragava em o mar dos vicios: se-

guia agora, quando navega vento em popa pelo mar das lagrimas. Se a seguistes no caminho do Inferno: *Si secutus es errantem*: seguia agora no caminho do Cèo: *sequere penitentem*. Entray neste mar de lagrimas pelo claro rio do desengano: *Vt cognovit*: levay a anchora da Fè: *Fides tua, &c.* accendey o forol do amor: *Dilexit multum*: segui o norte da virtude, pera entrares com a Nao Magdalena em o porto da Gloria.

187 O terceiro, & ultimo enigma da conversão da Magdalena, he o caminho da cobra, ou serpente sobre a pedra. *Viam colubri super petram*. A serpente representa hũa alma peccadora. Assim o ensinou Christo: *Serpentes gemina viperarum, quomodo fugietis à iudicio gehennæ?* A pedra he Christo: *Petra autem erat Christus*: A serpente, a Magdalena inficionada com o veneno das culpas: a serpente sobre a pedra vê a ser a Magdalena aos pès de Christo: *secus pedes Domini*. Nesta ultima clausula nos abre o thema caminho ao discursõ. E que mysterio tem com,



comparar-se a conversão da Magdalena à serpente sobre a pedra?

189 Dizey. Ou podemos considerar a Christo em quanto pedra sómente: ou em quanto pedra do deserto, que foy juntamente fonte espiri- tual, como disse São Paulo: *Bibebant autem de spiritali, consequente eos, petra: petra autem erat Christus.* Buscou hoje a serpente dantes venenosa da Magdalena a Christo em quanto pedra, & em quanto pedra, que juntamente era fonte. Buscou a Christo em quanto pedra, & juntamente fonte. Vay a serpente beber à fonte, & primeiro que beba, poem de parte o veneno: & depois de beber, o recolhe outra vez: & se o nam recolhe, morre.

190 Assim o testemunhão muytos, & gravissimos Authores. Foy a Magdalena, qual serpente inficionada cõ o veneno das culpas, beber à fonte da vida, que manava da pedra Christo, poz-se sobre a pedra: *Super petram: secus pedes Domini:* & primeiro depoz a peçonha das culpas com resolução tão constante,

que a não tornou mais a admitir. E que se seguiu daqui? Morrer a Magdalena? Sim. Morreo, & juntamente resuscitou: morreo pera o mundo, & resuscitou pera Deos. Desterrou o veneno das culpas com o antidoto das lagrimas: & forão estas tão prodigiosas no seu effeito (& esta he a ultima prerogativa) q̃ de serpente venenosa a fizeram hum retrato da penitencia.

191 E depois de tão maravilhosa mudança, acabou a Magdalena pera a terra, toda he do Cèo: já não he do mundo, como dantes, he ló de Deos. Foy Moysès por mandado de Deos pera o Egypto, levando por insignia de seu officio a vara em a mão: & a esta vara chama o texto vara de Deos: *Portans virgam Dei in manu sua.* Pergunto. Esta vara não era vara de Moysès? Sim. Pois como lhe chama o texto vara de Deos? *Portans virgam Dei.* Notem. Do mesmo capitulo consta que mandou Deos fazer a Moysès hum ensayo do prodigio, que havia de obrar em o Egypto com aquella vara: Lançou a vara em terra,



& tornou-se serpente: *Projecit, & versa est in colubri:* Tomou Moysés outra vez a vara na mão, & converteo de serpente em vara: *Tenuit, versaquè est in virgam.*

192 A serpente he figura do peccador, como já disse: a vara he symbolo da penitencia: *Virga penitentiae cordis rigorem conterat.* E vara, aonde se vio húa tão admiravel conversão de serpente venenosa & peccadora em hum retrato da penitencia, he vara só de Deos; & não de Moysés, que he homem: antes que houvesse conversão nesta vara, seria vara de Moysés: mas despois de tão extraordinaria mudança, he só de Deos esta vara: *Virgam Dei:* já não pertence à terra, toda he do Cèo.

193 Que ajustado exemplo pera o nosso caso. Aquella conversão da vara foy hum prodigio: a conversão da Magdalena foy hum portento. Aquella vara primeiro foy vara, despois serpente, & de serpente tornou a ser vara. Assim a Magdalena, primeiro foy vara terra sem o contagio da culpa, antes do uzo da razão: despois do uzo da

razão se perverteo, & foy serpente, que inficionou a tantas almas: & de serpente peccadora se còverteo em vara penitente. Aquella vara tornou-se serpente lançada em terra: *Projecit:* fóra da mão de Moysés, que representava a ley, & era figura de Deos: *Ecce constitui te Deum Pharaonis.* Porèm tanto q̄ Moysés a tomou na mão, & a levantou da terra: *Tenuit:* converteo-se de serpente em vara. Assim a Magdalena, em quanto andou afastada da ley de Deos, fóra da sua mão, entregue ao mundo, dando no peito o amor à terra: *Super pectus tuum gradieris:* foy serpente. Porèm tanto que a tocou a mão de Deos: *Tenuit:* & se vio entre os apertos da mão, ou da ley: tanto que se levantou da terra, & do estado, em que estava, logo se converteo de serpente venenosa em hum exemplar da penitencia.

194 Aonde a vulgata lê: *Viam colubri super petram:* lem outros: *Viam colubri super terram.* Concordemos estas intelligencias. Foy a Magdalena serpente sobre a terra, & foy serpente sobre